

O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos

Gisele Vieira Ferreira

Projeto de pesquisa para a obtenção do grau de Especialista em Psicologia Clínica,
Terminalidade Infância e Família, sob orientação da Prof. Dr. César Augusto Piccinini e Co-
orientação Ms. Milena da Rosa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Especialização em Psicologia Clínica – Infância e Família
Porto Alegre, março de 2007

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – Introdução	3
Apresentação	3
Transformações das escolas de educação infantil	4
O quê considerar na fase de adaptação?	6
Justificativa e objetivos do estudo	13
CAPÍTULO II – Método	15
Participantes	15
Delineamento e Procedimentos	15
Instrumentos e materiais	16
Análise de dados	16
CAPÍTULO III – Resultados	18
CAPÍTULO IV – Discussão	39
CAPÍTULO V - Considerações Finais	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	56
ANEXO A – Categorias	56
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	62
ANEXO C - Ficha de Contato Inicial	63
ANEXO D - Entrevista sobre a experiência da maternidade no contexto da adaptação do filho na creche	64

CAPÍTULO I INTRODUÇÃO

Apresentação

As instituições de educação infantil¹ vêm se tornando uma necessidade cada vez mais significativa da população, especialmente para famílias em que pai e mãe trabalham fora de casa e, por isso, necessitam de um cuidado alternativo para os seus filhos. Esta crescente necessidade de colocar as crianças nas escolas infantis surgiu, principalmente, a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, o que tornou necessário que as crianças fossem cuidadas por outras pessoas enquanto sua mãe estivesse trabalhando. No entanto, mesmo aquelas famílias, em que um dos pais não trabalha fora, procuram as escolas de educação infantil, muitas vezes, para uma maior socialização da criança. Rapoport e Piccinini (2004) referem que as mães optam por colocar os filhos nestas instituições, por acreditar que as escolas oferecem melhores recursos para o estabelecimento de novas relações, contribuindo para uma maior socialização, educação e estimulação das crianças. As instituições de educação infantil, então, se tornaram uma opção bastante utilizada como recurso de auxílio na educação das crianças (Amorim & Rossetti-Ferreira, 1999). Entretanto, para Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) começar a freqüentar uma escola envolve um processo de adaptação tanto para a criança como para a família.

A partir da experiência profissional em escolas de educação infantil, surgiu o interesse em entender as expectativas e sentimentos das mães em relação à adaptação das crianças neste contexto. O presente estudo, portanto, pretendeu investigar as reações emocionais maternas à entrada de seu(ua) filho(a) na escola, considerando seus sentimentos no início da vida escolar infantil, no período de adaptação, e após um ano do ingresso na escola infantil. Para tanto, foram entrevistadas quatro mães de crianças com idades entre doze e vinte e oito meses, que entraram na escola durante o ano de 2006. Na revisão da literatura examinou-se algumas questões com relação às transformações das escolas de educação infantil e alguns aspectos a serem considerados durante a fase de adaptação. Além disso, foram abordados os fatores relacionados à interação mãe-criança e as reações maternas frente à separação de seu filho.

¹ Creche, escola infantil, escola de educação infantil e instituições de educação infantil, serão utilizados como sinônimos.

Transformações das escolas de educação infantil

Inicialmente, no Brasil, as instituições voltadas para o atendimento de crianças em idade pré-escolar eram, em sua maioria, creches comunitárias, destinadas à assistência das populações de baixa renda. O trabalho funcionava em um contexto pouco estruturado e o atendimento visava somente aos cuidados físicos da criança, tais como necessidades de higiene, alimentação, segurança e bem-estar social. Assim, as creches poderiam ser denominadas somente como cuida-se de crianças, levando-se em consideração a precariedade, tanto de materiais e espaço físico, quanto de estrutura pedagógica (Rapoport, 2003).

Campos, Fullgraf e Wiggers (2006) referem que, a partir de alguns estudos sobre as condições de funcionamento dessas instituições, a preocupação com a qualidade do atendimento foi crescendo. Apesar de existirem creches que ainda agem da maneira descrita anteriormente, esta forma de cuidados está se modificando. Atualmente está sendo cada vez mais exigido das instituições de educação infantil, tanto por parte da lei, como da sociedade, que elas ofereçam às crianças experiências de alta qualidade, as quais devem levar em consideração as peculiaridades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas infantis. Estas experiências positivas se traduzem em práticas e interações sociais que remetem a criança às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos rumo à construção da identidade infantil (Brasil, 1998). A qualidade das escolas também recebe cobranças no sentido da qualificação adequada dos professores, através do magistério e da presença de uma pedagoga que faça parte da equipe escolar, para elaborar os planos de ensino de acordo com a faixa etária. O profissional da nutrição também é um outro requisito exigido, para cuidar da alimentação infantil, dentre outros profissionais que vão se somando para promover o pleno desenvolvimento das crianças que estão inseridas nessas instituições.

Estas transformações podem estar relacionadas à proliferação de instituições destinadas à educação infantil e conseqüente competição entre as mesmas, o que instiga um maior investimento na qualidade dos serviços oferecidos. A sociedade também parece estar mais consciente com relação à importância das experiências vividas na primeira infância, nas quais se incluem a necessidade de rotina, atividades educativas, além de interações com crianças da mesma faixa etária. Por isso, no Brasil, observa-se que políticas públicas que tratam da criança que está inserida na creche vêm sofrendo transformações importantes e necessárias. A educação de crianças de zero a seis anos está incluída no capítulo da III, art. 208, inciso IV da Constituição Federativa do Brasil de 1988, a qual refere que o atendimento em creche e pré-escola é um dever do estado e direito da criança. Além disto, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 estabeleceu que é papel das creches o desenvolvimento integral das

capacidades física, psicológica, intelectual e social das crianças com até 6 anos de idade, complementando as funções da família. Assim, a LDB, a Constituição Federal (1988), bem como o Estatuto da Criança e Adolescente (1990), asseguram os direitos da criança à educação e transformam-nos em diretrizes e normas. Desta maneira, a lei passa a reconhecer que o papel das creches não se limita ao cuidado físico das crianças, enquanto os pais trabalham, mas também inclui o estímulo ao desenvolvimento e educação infantil. O Ministério da Educação também estabeleceu que a tarefa de educar e cuidar significa proporcionar brincadeiras e aprendizagens que contribuam para o desenvolvimento das capacidades infantis (Brasil, 1998).

O perfil da população que procura as instituições de educação infantil também está se modificando, uma vez que os familiares estão exigindo mais qualidade no atendimento aos seus filhos (Rosemberg, 1995). As exigências aparecem no sentido de buscar o melhor para as crianças, principalmente, no que se refere a quem vai cuidar e onde o “seu bem mais precioso” vai permanecer grande parte de seu dia, enquanto os pais trabalham. Por isso, é possível pensar que esta realidade das creches está abrindo espaço para uma proposta pedagógica mais afetiva e educativa (Rapoport, 2003). Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente ressalta o direito dos pais ou responsáveis de conhecerem as propostas pedagógicas e educacionais da escola de seus filhos (Brasil, 1990).

De acordo com Amorim e Rossetti-Ferreira (1999), apesar das importantes transformações ocorridas nas creches no decorrer da história de existência dessas instituições, ainda são freqüentemente vistas como pouco confiáveis em relação aos cuidados de crianças. As autoras citam motivos tais como a proporção adulto/criança, o que pode gerar insegurança, originando dúvidas a respeito de como um cuidador pode observar e cuidar de várias crianças ao mesmo tempo. A divisão da atenção é um outro fator de desconfiança, pois a criança que está sob os cuidados de babá ou de algum familiar possui a atenção somente para si. Além disso, qualquer atitude que a criança apresente que seja diferente da habitual, geralmente, é atribuída à escola.

Entretanto, Santana (1995) afirma que freqüentar uma escola que seja suficientemente boa é uma experiência valiosa para as crianças. O autor também refere que a verdadeira função da escola infantil diz respeito ao seu papel essencial no desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. Silva e Bosanello (2002) referem que o cuidar e o educar são essenciais ao pleno desenvolvimento infantil e, por isso, devem caminhar juntos. Dessa forma, existe a necessidade da creche se colocar como um local que propicie a interação e socialização das crianças. Para tanto, se faz necessária e de extrema importância a formação e

constante qualificação dos profissionais que atuam nessas instituições, já que é na fase de zero a seis anos que ocorre a formação da personalidade e o desenvolvimento dos processos cognitivos, motores e sociais.

O quê considerar na fase de adaptação?

O período de adaptação na creche não é somente da criança, mas também envolve a família e as educadoras em um complexo processo de integração (Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira 2000). O documento do MEC de 1998 – *Referencial Curricular para a Educação Infantil*, aborda os primeiros dias das famílias e das crianças na instituição. Esse período de adaptação deve ser um processo gradual, de modo que o tempo de permanência da criança na escola aumente aos poucos. Assim, a criança vai se familiarizando gradativamente com o professor, com o espaço e com as outras crianças. O documento sugere que os pais ou alguma pessoa conhecida e de confiança da criança participem nos primeiros dias, ou até o momento que se fizer necessário, para que a criança possa enfrentar esta nova situação com segurança. Por outro lado, caberá à escola, especialmente, ao professor planejar e organizar o espaço e o seu trabalho para poder acolher e oferecer atividades atrativas aos novos alunos. Bowlby (1982, 1988), citado por Hui-Chi Hsu (2004), refere que desta forma vai se construindo o vínculo entre educadora e criança.

Para estudar sobre a adaptação de uma criança na escola, também se faz necessário pensar sobre a família, a escola, a opção dos pais por colocar a criança numa instituição de educação infantil, além da escolha por determinada creche. Para fins deste trabalho foram abordados, especificamente, os aspectos maternos, isto é, como a mãe lida com estes processos, assim como os sentimentos decorrentes do ingresso da criança na vida escolar. De acordo com Balaban (1988) um dos sentimentos vividos pela mãe no período de adaptação de seu filho à creche pode ser a ambivalência, que se manifesta através da preocupação. Assim, por um lado as mães desejam que a criança vá para a escola, para poderem trabalhar ou dispor de um tempo mais livre para os afazeres pessoais. Mas, ao mesmo tempo, amam seus filhos e gostariam de ficar mais tempo com eles para ter certeza de que nada de ruim lhes acontecerá. Outros sentimentos decorrentes da separação mãe-criança surgem com frequência no momento da adaptação escolar, como a culpa, insegurança, tristeza, além de desconfiança com relação à competência das educadoras, que são pessoas desconhecidas. Estas sensações podem estar relacionadas ao fato dos pais sentirem que não conseguem cuidar de seus filhos sem o auxílio da creche (Balaban, 1988; Hui-Chi Hsu, 2004). A culpa também pode estar relacionada à questão cultural que ainda retrata que o cuidado materno é insubstituível e o

único capaz de proporcionar condições adequadas ao bom desenvolvimento. As creches surgem, então, como um “mal-necessário”. Como os pais ou responsáveis, muitas vezes, não possuem uma rede de apoio na família para cuidar do filho, vêm-se forçados a deixar a criança na creche, o que sugere uma escolha imposta, causadora de angústia e sofrimentos (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994).

De acordo com o descrito anteriormente, o processo de adaptação não é somente da criança, mas também da família, especialmente da mãe. Por isso, é importante investigar os aspectos relacionados ao vínculo mãe-criança, o que permite compreender a experiência materna frente à separação de seu filho quando este ingressa na escola infantil. Para tanto, se faz necessário conhecer a experiência da maternidade, principalmente de seus aspectos emocionais. Entre os fatores fundamentais a serem investigados encontram-se as vivências durante a gestação e após o nascimento da criança. A descrição acerca da gestação pode levar à compreensão da ligação ímpar estabelecida entre mãe e criança, a qual é amplamente influenciada pelas experiências e revivências maternas.

A gestação é um período muito significativo e de extrema sensibilidade, especialmente, para as mulheres (Klaus & Kennell, 2000). As sensações durante a gravidez são amplas, variam muito e, frequentemente, não há nada de orgânico que justifique a enorme variação de sintomas que pode ocorrer em diferentes gestantes, ou apenas em uma (Szejer, 2002). Tornar-se pai e tornar-se mãe é um processo bastante complexo que envolve importantes transformações emocionais. Por isso, a maneira como a mãe vivencia o período pré-natal, depende de seu próprio mundo interno, dos seus relacionamentos e de suas fantasias em relação à maternidade. Este momento reaviva muitas lembranças, experiências primitivas e crenças inconscientes, anteriores à concepção, as quais, juntamente com as vivências ao longo da vida da mulher, vão construindo a relação da gestante com o bebê que vai nascer. Esta relação é bastante influenciada pelos modelos maternos de identificação, construídos a partir da relação com sua própria mãe e com outras cuidadoras. As experiências maternas com seus próprios pais, os processos do narcisismo, complexo de Édipo, a vivência materna de separação de seus pais, assim como a não satisfação de algumas necessidades da infância e adolescência, são atualizadas e revividas. Esses processos constitutivos contribuem para as bruscas mudanças emocionais, mas também, para que possa acontecer a mudança desenvolvimental de posição de filha para a maternidade (Brazelton & Cramer, 1992; Klaus & Kennell, 2000; Ferrari, 2001; Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004).

Brazelton e Cramer (1992) referem que, durante os nove meses de gestação, a mãe experimenta sentimentos intensos que não são comparáveis a nenhuma outra situação da vida.

As revivências de conflitos infantis podem levar a mulher a regredir a uma fase de maior dependência. Além disso, surge a ansiedade pela noção de responsabilidade por uma criança, o que pode levar os pais a brigas e a sentimentos ambivalentes por estarem frente a uma nova situação de ajustamentos, reorganização e adaptação. Portanto, conforme os autores o período gestacional pode ser subdividido em três fases. A primeira fase diz respeito à adaptação do casal à novidade da gravidez e, mais ainda, aceitar o corpo estranho instaurado dentro da mãe que se evidencia pelas primeiras modificações psicológicas e corporais. Logo após a concepção a mulher começa a preocupar-se com as mudanças que estão ocorrendo dentro dela (Winnicott, 1960/1983). No segundo estágio já ocorre a instauração da gravidez na mente da mãe, pois ocorrem os primeiros movimentos do feto, que está crescendo, aumentando a barriga. Na terceira fase os pais já começam a perceber a criança como um indivíduo que também faz movimentos para demonstrar a sua diferenciação. Concomitante ao crescimento e diferenciação do feto, está o aumento da preocupação materna com relação ao parto e como será o seu desempenho como mãe. A todos estes acontecimentos pode-se acrescentar a experiência do parto, que se constitui como a primeira separação entre mãe e filho. É um fim abrupto do sentimento de fusão, em que dois corpos (o da mãe e do feto) estão envolvidos por uma só pele, o que proporciona à gestante uma sensação de completude e onipotência. Além de todos estes acontecimentos, após o nascimento a mãe deve abandonar a imagem do bebê idealizado e adaptar-se ao bebê que é real e a um novo relacionamento que se constituirá da interação entre as necessidades, desejos e fantasias maternas com as fantasias e necessidades de um novo ser (Brazelton & Cramer, 1992).

A vida e a rotina da mãe sofrem transformações após o nascimento do bebê. Os estilos de vida também mudam drasticamente, na medida em que a mulher, que ocupava o papel de filha responsável somente por si, passa a ocupar o papel de mãe, agora responsável pelos cuidados, educação, bem-estar e pela vida de uma criança (Carter & McGoldrick, 1995; Klaus & Kennell, 2000). Logo após o nascimento e nas primeiras semanas deste acontecimento, o bebê é completamente dependente dos cuidados da mãe para que aconteça o processo de evolução da maturação infantil. Nos primeiros dias após o parto, a mãe também está preocupada e dedica-se basicamente aos cuidados do filho, que no início parece ser parte dela mesma (Winnicott, 1960/1983). Mahler (1967/1993) refere que logo após o nascimento e anteriormente ao período simbiótico, o bebê permanece predominantemente num estado de sonolência, que nada mais é do que reminiscência do estado da vida intra-uterina. *“A partir do segundo mês, a criança passa a ter uma consciência difusa do objeto que satisfaz as suas necessidades, o que marca o início da fase de simbiose normal, na qual o bebê se comporta e*

funciona como se fosse uma extensão de sua mãe” (p. 53). Neste momento, o processo de simbiose deve ser diferente para mãe, ou seja, enquanto o bebê depende absolutamente dela, a necessidade que ela tem do filho é relativa, pois, apesar da mãe estar completamente envolvida com os cuidados ao bebê, esta não depende exclusivamente de seu filho. Com relação a este aspecto da interação mãe-bebê, Winnicott (2002) fala sobre a *mãe dedicada comum*, que se caracteriza pelas atitudes que comumente as mães possuem com relação a seus filhos. São comportamentos naturais constituídos por um profundo envolvimento, dedicação e devoção materna aos cuidados e interação com o bebê. Estas interações da mãe com o filho estimulam o bebê a passar por novas experiências. Assim, a mãe funciona como um gradiente para as novas aquisições infantis (Spitz, 1979).

Assim, à medida em que avança o desenvolvimento infantil, por volta do quarto e quinto mês de vida do bebê, de acordo com Mahler (1975/1993), ocorre o primeiro movimento de separação, a *diferenciação*. Nesse momento inicia-se outro processo de separação do *self* e do outro, a criança começa a se distinguir dos objetos, por exemplo, a criança amolda-se ao corpo materno e afasta-se com o tronco. Então, gradualmente começa o processo de *desabrochamento*, o qual caracteriza-se pela atividade perceptiva para além da relação mãe-bebê, isto é, da relação simbiótica. Assim, a atenção da criança associa-se à memória das idas e vindas da mãe, numa ação de gratificações e frustrações para o bebê. Nesse estágio a criança começa a definir o seu corpo e o da mãe, iniciando-se as atividades de exploração do ambiente, pelo toque e visão, tentando descobrir as partes cobertas e escondidas e brincando de esconde-esconde (Mahler, 1967/1993). Para Winnicott (1960/1983) essa fase denomina-se *dependência relativa*, e nela ocorrem intensas experiências de gratificações e frustrações produzidas pela mãe na criança. Desta maneira, começam a desenvolver-se no bebê a capacidade de esperar e maior tolerância às frustrações, devido à evolução da habilidade e compreensão intelectual. Entretanto, nem todas as crianças funcionam da mesma forma e nem todas possuem as mesmas capacidades de compreensão, uma vez que pode existir uma confusão no modo como a realidade é apresentada.

Por isso, faz-se importante investigar os sentimentos e reações da mãe nessas primeiras etapas da vida infantil e, principalmente, as reações maternas frente às primeiras situações de separação de seu filho. Por exemplo, a volta ao trabalho, a retirada da criança do quarto dos pais para o próprio quarto e os ganhos desenvolvimentais da criança, como o andar, que implica uma maior separação. Para Aberastury (1992), através da entrevista com a mãe é possível perceber o tom afetivo em suas respostas, o início da história de vida da criança, que lugar ela possui e o que representa na constituição familiar. Também é necessário

compreender os sentimentos que estão envolvidos na díade mãe-filho para entender as reações decorrentes do período de adaptação na escola.

Como visto até o momento, pode-se pensar que a adaptação de uma criança na escola é um processo bastante complexo, que envolve sentimentos, emoções e afetos influenciados por duas histórias que se entrelaçam, a da mãe e a da criança. O presente estudo abordará a adaptação à escola de educação infantil de crianças com idades entre doze e vinte e oito meses, as quais encontram-se na fase de exploração-reaproximação (Mahler, 1982). Esta fase caracteriza-se pelo processo de separação da criança de sua mãe, na qual a criança alcança o seu primeiro nível de identidade, passando a existir como uma entidade individual separada (Mahler, 1958, 1975/1993). A criança nesse estágio começa a realizar tarefas separadamente da mãe, mesmo na presença desta, como, por exemplo, engatinhar e caminhar. É um processo que envolve prazer, pelas novas aquisições, mas também angústia, pois a criança teme a perda do objeto, isto é, a mãe. A criança pequena tem uma noção da necessidade que possui dos pais, e juntamente com este aspecto estão em desenvolvimento as suas capacidades cognitivas e emocionais para lidar com a ausência destas pessoas. A maneira como a criança vai adquirindo a internalização da imagem da mãe, quando esta se encontra ausente, é fortemente influenciada pelas experiências e emoções despertadas nas crianças. Assim, sob condições de tensão e instabilidades, será muito mais difícil para a criança manter a imagem materna internalizada e, por isso, a ausência da mãe é vivenciada pela criança como perda, o que é amplamente angustiante (Balaban, 1988). A ansiedade de separação é inferida por vários tipos de comportamentos infantis, incluindo atitudes de reaproximação ativa da mãe.

Apesar da expansão aquisitiva de habilidades infantis e da constante ampliação da capacidade locomotora, que alarga o mundo de exploração da criança, a mãe continua sendo o centro do universo infantil. Além da necessidade cada vez maior da criança afastar-se da mãe para explorar o ambiente, também aparece uma constante preocupação a respeito de “onde está a mãe”. À medida que aumenta a consciência do bebê de diferenciação e separação, estimuladas pelas capacidades maturacionais e cognitivas, também aumenta a necessidade e o desejo de que a mãe acompanhe e compartilhe as suas novas conquistas. Essa participação materna, através da disponibilidade física e emocional à criança, durante a fase de exploração e reaproximação é de extrema importância para propiciar confiança e segurança (Mahler, 1975/1993). Portanto, neste período, a disponibilidade emocional materna, a capacidade de suportar a ambivalência para receber e acolher o filho é fundamental para prover-lhe segurança, permitindo-lhe se afastar e retornar quando sentir necessidade. Este mecanismo é denominado de *reabastecimento emocional* (Mahler 1975/1993). Bolwby (1989) fala sobre a

provisão de uma base segura, proporcionada pela capacidade dos pais em possibilitar que a criança explore o mundo externo e retorne, quando se sentir insegura, certa de que será bem-vinda e acolhida física e emocionalmente. E certa de que o vínculo mãe-filho não foi aniquilado por estar aprendendo novas habilidades, longe da mãe. Para o autor essa é a base do desenvolvimento do apego, ou seja, poder contar com as figuras parentais quando sentir necessidade.

Enfim, a relação de apego, ou o vínculo que a criança estabelece com a mãe – e outras pessoas significativas, como pai, avó, avô, professoras – vai depender de como essa responde aos estímulos da criança (Rapoport, 1999). Não é necessário que a mãe tenha uma compreensão intelectual da tarefa a ser cumprida, tendo em vista que essa capacidade não vem com manual de instruções. Mas somente a disponibilidade interna da mãe, expressada através da sua dedicação à criança que a tornará suficientemente boa para obter êxito nas primeiras fases do desenvolvimento e, especialmente, durante o processo de adaptação escolar (Winnicott, 1965/1982). A capacidade da mãe real em satisfazer a dependência do filho de modo que, quando a mãe não estiver presente, a criança possa mantê-la em sua mente, é a matriz para a segurança infantil, que se estenderá ao longo dos estágios da vida (Winnicott, 1960/1983).

Neste sentido, Abertastury (1992) também destaca a importância de analisar a relação dependência-independência entre mãe e filho. Essa relação pode estar refletida nas atitudes e expressões da mãe quando o bebê começa a sentir a necessidade de movimentar-se, de afastar-se para explorar o ambiente. Nesse momento a mãe também possui um papel fundamental, uma vez que baseada em suas próprias expectativas, ansiedades e temores, poderá satisfazer ou frustrar a criança. Balaban (1988) refere que os pais são mediadores das experiências dos filhos, uma vez que podem levá-los à compreensão adequada dos significados dos acontecimentos e situações. Assim, a partir das explicações e separações adequadas entre pais e filhos, se desenvolve a segurança e autoconfiança. Segundo a autora, *“a autoconfiança surge de separações bem conduzidas. Em contrapartida, as crianças que são muito protegidas, quando se afastam de casa têm chance de se dirigirem com medo para o mundo do ensino e do crescimento”* (p. 32).

Muitas mães, baseadas em suas próprias dificuldades e necessidades, relutam em abrir mão da proximidade, ou seja, da simbiose com o filho. Sabe-se que a separação mãe-filho é um dos fatores que pode mobilizar na primeira o seu modelo de apego internalizado a partir de suas próprias vivências de proximidade e separação. Através de uma identificação com os sentimentos maternos, as crianças podem sentir menos prazer ao distanciarem-se da mãe e o

afastamento pode acarretar uma dolorida ansiedade de separação (Mahler, 1975/1993). É possível pensar que esses aspectos podem influenciar negativamente no processo de entrada na vida escolar, tendo em vista que a inserção da criança na creche é uma separação bem importante, tanto para a mãe, quanto para o filho. Rapoport (1999) sugere que a forma como as mães sentem-se ao deixar seus filhos na escola pode influenciar o comportamento e reações da criança, assim como, reciprocamente, as atitudes apresentadas pelos filhos podem gerar algumas reações na mãe. Assim, por exemplo, algumas mães podem estar bastante angustiadas e tentam disfarçar, a fim de não demonstrar para a criança, mas daí surge a ansiedade de não gerar ansiedade (Winnicott, 1971/1975). É importante lembrar que as reações à separação são diferentes para cada pessoa e estão ligadas às variações da relação mãe-filho (Mahler, 1975/1993).

Neste sentido, para pensar em termos de adaptação de uma criança à escola, é importante considerar tanto a história de vida da mãe quanto a da criança, bem como da relação mãe-filho, como o estágio da exploração-reaproximação. Nesta fase, como mencionado anteriormente, acontecem várias transformações no desenvolvimento infantil. A principal mudança observada é que neste período a criança não depende exclusivamente dos cuidados maternos. Neste momento a criança começa a desenvolver formas para viver sem um cuidado real, através do acúmulo de recordações de cuidados e da confiança no ambiente (Winnicott, 1960/1988). Além disso, a criança começa a explorar o meio à sua volta e também necessita que a mãe esteja próxima. Se esta não estiver, possivelmente a criança reagirá com medo e/ou ansiedade de separação. Estas reações causam impacto na mãe, o que podem gerar dificuldades de lidar com as necessidades do filho. Este aspecto é muito freqüente nas creches, pois é possível perceber a dificuldade de algumas mães de lidarem com a sua ansiedade e com a ansiedade da criança frente à inserção nestas instituições. No entanto, pode-se pensar que, se estas mães forem adequadamente acompanhadas, seja pelo psicólogo da escola, ou pela família, talvez a experiência de separação não seja tão dolorosa. Portanto, este estudo visa trazer algumas reflexões sobre as reações maternas frente ao início da vida escolar da criança. Estas reflexões podem trazer benefícios para aquelas pessoas que estejam enfrentando ou enfrentarão este processo.

Justificativa e objetivos do estudo

De acordo com o visto até o momento, verifica-se atualmente um aumento do número de instituições de educação infantil. Uma série de aspectos estimulam essa proliferação, dentre os quais destaca-se a entrada das mulheres no mercado de trabalho, motivadas pelas necessidades de realização pessoal e profissional, mas também pelas necessidades financeiras (Brasil, 1988 & Rossetti-Ferreira, Amorim, Vitória, 1994). Existem outros fatores que levam os pais a buscarem as creches para os cuidados infantis, como a procura por uma maior socialização do filho, tendo em vista que as famílias estão diminuindo progressivamente em seu tamanho. O espaço nos lares também está pequeno, pois muitos casais moram em apartamento ou residência pequena, sem muito espaço para lazer. Outro aspecto que influencia a decisão dos pais pela creche é a carência de uma pessoa disponível para cuidar da criança em casa, o que pode estar vinculado às novas formas de relações estabelecidas, devido às transformações sócio-econômicas que levam as pessoas a um maior distanciamento físico e afetivo de um modo geral (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994 & Rapoport, 2003).

No entanto, apesar dessas significativas transformações sociais, segundo Rossetti-Ferreira e cols. (2000), ainda existe em nossa sociedade a cultura de que a mulher deve permanecer em casa para cuidar de seus filhos. Assim, a mulher está submetida a uma ambivalência cultural, pois ao mesmo tempo em que trabalhar fora de casa é visto como algo positivo, deixar os filhos sob os cuidados de outras pessoas é avaliado de maneira negativa e visto como abandono (Rapoport, 2003). Por isso, muitas mães sentem-se culpadas e sofrem por ter que compartilhar a educação e os cuidados infantis com outras pessoas. Esses sofrimentos podem manifestar-se através de sentimentos como preocupação, tristeza, dentre outros.

A mãe desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do filho e sua adaptação na escola será influenciada pelo tipo de interação estabelecida com a mãe. Cabe destacar que o papel da escola não será de substituto da mãe ausente, mas desempenhará um papel adicional, para ampliar a função que, nos primeiros anos de vida da criança, somente a mãe desempenha (Winnicott, 1965/1982). Entretanto, a experiência mostra que existem mães que temem que a criança goste mais da escola do que delas, o que constitui-se em um fator de sofrimento, tanto para a mãe como para as crianças, que estão na fase de descobertas.

Através da experiência profissional em escolas de educação infantil, foi possível perceber que deixar a criança na creche é bastante difícil para algumas mães. Ao perceber esta realidade, surgiu o interesse em pesquisar sobre o processo de adaptação das mães de crianças pequenas na escola de educação infantil. Para tanto, buscou-se compreender os sentimentos

da mãe decorrentes da inserção do filho na creche, por que tais sentimentos foram acionados, e como as mães estariam lidando com o fato de seus filhos estarem na creche. Além disso, procurou-se examinar se os sentimentos experienciados no ingresso na escola permaneceram ou se modificaram alguns meses após este período.

Os estudos que investigam a adaptação de crianças à escola costumam atentar para as atitudes infantis e aspectos do contexto escolar, não abordando os sentimentos maternos, frente a esta situação. No entanto, compreender os sentimentos das mães frente ao ingresso do filho na vida escolar pode permitir diversas reflexões acerca desta fase, a qual cada díade mãe-filho parece vivenciar de forma diferente. Portanto, o presente trabalho almejou trazer informações acerca deste complexo processo, que é a inserção da criança pequena à creche e, assim, beneficiar aquelas pessoas que estão vivenciando ou vivenciarão este momento da vida de extrema importância para o desenvolvimento infantil.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo quatro mães de crianças que estavam com idades entre doze e vinte e oito meses quando ingressaram na creche. Todas as mães residiam com o pai da criança e trabalhavam fora de casa. Esta faixa etária foi escolhida, porque neste período as crianças provavelmente estariam vivenciando a fase de separação-reaproximação-individuação (Mahler, 1982). Para Winnicott (1960/1983) este é o estágio da *dependência relativa*, na qual ocorre um processo de maior independização da criança, que não depende mais exclusivamente da mãe e dá espaço para os substitutos maternos.

Além disso, as crianças ingressaram na escola durante o ano de 2006 e não frequentaram creche anteriormente. Para fins deste estudo, idade, escolaridade e nível sócio-econômico não foram considerados.

Delineamento e Procedimentos

Para este estudo foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), buscando-se compreender os sentimentos das mães com relação à inserção da criança na creche, verificando como estavam estes sentimentos após alguns meses da inserção na escola. Cada caso foi examinado em profundidade e, posteriormente, averiguou-se as peculiaridades e semelhanças entre os casos.

A seleção das participantes ocorreu em uma escola de educação infantil na região metropolitana de Porto Alegre. Tratava-se de uma escola privada, sendo o primeiro contato realizado com a diretora da escola para a qual foram apresentados os objetivos do estudo e solicitação da indicação de possíveis participantes. As mães de crianças que entraram na escola no ano de 2006 foram contatadas por telefone pela pesquisadora, que fez o convite de participação no estudo. Com aquelas mães que aceitavam participar, foi marcado um horário de entrevista para explicar os objetivos do estudo, garantir o direito ao sigilo e a opção de não participar do estudo. Ao ser confirmado o interesse de participação e os critérios de inclusão no estudo, foi lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (adaptado de GIDEP, 1998b). Aquelas mães que concordavam em participar preenchiam a Ficha de Contato Inicial (GIDEP, 1998c), que possuía as informações básicas de inclusão das

participantes na amostra. Após esse procedimento realizou-se a Entrevista da Experiência da Maternidade no Contexto da Adaptação do Filho na Creche.

Instrumentos e materiais

Ficha de Contato Inicial: este instrumento é uma adaptação da ficha utilizada pelo GIDEP (1998). Essa ficha visou obter dados como idade, escolaridade, profissão e estado civil da mãe, bem como seu endereço e telefone para eventuais contatos posteriores. Além disso, solicitou-se algumas informações com relação à criança, como idade, sexo, data de entrada na creche e o motivo pelo qual a mãe colocou na creche (Cópia no anexo C).

Entrevista sobre a experiência da maternidade no contexto da adaptação do filho na creche: foi utilizada uma entrevista semi-estruturada que teve como objetivo examinar alguns aspectos com relação à experiência da maternidade e os sentimentos das mães ao colocar os filhos na creche. Composta de quatro conjuntos de questões que abordaram os seguintes temas: gestação, o significado da maternidade, experiências de separações mãe-filho, cuidados no dia-a-dia com a criança. Por fim, foram abordadas questões a respeito da decisão de colocar a criança na creche, os sentimentos despertados com esta decisão, sentimentos com relação a estar longe da criança e como ela ficará na escola e longe dos pais. Esta entrevista foi gravada e posteriormente transcrita. (Cópia no anexo D).

Análise de dados

Para fins deste estudo foi utilizada análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dione, 1999), que visou examinar os sentimentos despertados nas mães decorrentes da experiência de separação de seu filho. Após a transcrição das entrevistas, estas foram lidas exaustivamente, para a construção de categorias temáticas. A construção das categorias seguiu o modelo misto (Laville & Dionne, 1999), tendo como base tanto a literatura revisada quanto as falas das participantes. Algumas questões nortearam a análise de dados, como: Quais os sentimentos e reações da mulher durante a gestação, experiência do parto e maternidade, além de sentimentos e transformações decorrentes da mesma? Quais foram as reações da mãe frente às situações que envolviam separações, como os movimentos de explorações infantis, retorno da mãe às atividades profissionais? Como foi a experiência de adaptação na escola para a mãe?

CAPÍTULO III

RESULTADOS

A análise realizada no presente estudo teve como objetivo averiguar, através das falas das mães entrevistadas, os seus sentimentos em relação à maternidade e à inserção do seu filho na creche. Para tanto, o conteúdo das respostas das mães à **Entrevista sobre a experiência da maternidade no contexto da adaptação do filho na creche** foi analisado através de Análise de Conteúdo Qualitativa (Laville & Dionne, 1999), sendo organizado em quatro eixos temáticos. Cada um destes eixos foi constituído por diversas categorias temáticas, que foram construídas com base na literatura revisada e na análise de conteúdos das entrevistas, seguindo o modelo aberto proposto por Laville e Dionne (1999).

O primeiro eixo, denominado **experiência da gestação e parto**, refere-se à vivência da mãe durante a gestação e parto, em termos físicos e emocionais. Este eixo inclui oito categorias temáticas: planejamento da gestação, impacto da notícia da gravidez sobre a mãe, desejo de ter um bebê, sentimentos despertados na mãe durante a gestação, preocupações da mãe durante a gestação, expectativas da mãe durante a gestação com relação à vida após o nascimento do filho, expectativas e percepção com relação ao parto.

O segundo eixo, **experiência da maternidade**, refere-se aos sentimentos da mulher e suas principais percepções acerca de seu novo papel, que é o de ser mãe. Este eixo engloba quatro categorias: reação materna ao ver o filho pela primeira vez, experiência da mãe nos primeiros dias após o nascimento do bebê, principais mudanças percebidas pela mãe após o nascimento do bebê e percepção materna de seu papel como mãe.

O terceiro eixo, denominado **vivência dos primeiros movimentos de separação da criança**, diz respeito aos sentimentos maternos ao perceber o desenvolvimento do filho, rumo à maior independização. Este eixo contém sete categorias: percepção a respeito da criança, sentimento da mãe com relação à independência da criança, sentimento da mãe em relação à dependência da criança, reação da mãe ao retomar suas atividades profissionais, apoio social percebido pela mãe quando ingressou nas atividades profissionais, sentimento materno em relação ao apoio social percebido, ambiente em que a criança dorme.

O quarto eixo, denominado **ingresso da criança na creche**, trata dos motivos pelos quais a criança foi colocada na creche e da maneira como a mãe sentiu-se no início, quando a criança ingressou na escola, e como está sentindo-se atualmente. Por isso, esse eixo inclui nove categorias: iniciativa de colocar a criança na creche, motivos para colocar a criança na creche, aspectos que agradaram a mãe em relação à criança estar na creche, aspectos que

desagradaram, adaptação da mãe à creche do filho, sentimentos maternos em relação ao filho estar na creche, percepção materna em relação a como a criança sente-se na creche e sentimentos da mãe ao despedir-se do filho. O quinto eixo, **infância materna**, inclui uma categoria, a qual refere-se aos sentimentos da mãe, durante a sua infância, em situações em que estava longe de seus pais.

A seguir serão apresentados os casos analisados, nos quais cada um dos eixos será examinado com base na estrutura de categorias descritas anteriormente e exemplificado através de vinhetas das próprias entrevistas². Ao final da apresentação dos casos serão discutidas as semelhanças e peculiaridades entre as mães que participaram deste estudo.

² Foram colocados parênteses nas vinhetas, significando que foi retirada alguma parte da fala das participantes que não se referia ao tema em questão, mostrava-se repetitiva ou demasiadamente longas. Cabe ressaltar que essas alterações não alteraram o sentido das falas.

Caso 1: Simone e Diego³

Experiência da gestação e parto

Simone é mãe de Diego que, no momento da realização da entrevista, estava com 3 anos de idade. No momento da entrevista Simone, estava com 33 anos de idade, estava casada há oito anos e desde então ela e o marido sempre tiveram o desejo de ter um filho. Decidiram engravidar quando estavam completando cinco anos de casados, pois, segundo Simone, o casal estava em melhores condições financeiras. Assim, poderiam sustentar uma criança, em termos de conseguir pagar uma babá e proporcionar uma boa educação para o filho. Conforme Simone: *“aí a gente começou a se preparar para engravidar”*. No momento que a mãe soube que estava grávida, imediatamente avisou o pai e ambos ficaram muito felizes com a notícia da gravidez.

Ainda, durante a gestação, Simone refere que se preocupava com as características físicas e com a saúde de Diego: *“o Eduardo (ginecologista) ficava dizendo, o nariz é do pai, daí eu ficava imaginando como ele seria”*. Em toda consulta solicitava ao médico uma ecografia e, no sexto mês de gestação, escolheu o pediatra, convidando-o a assistir ao parto. Além disso, se preocupava com a sua capacidade de maternagem, isto é, de conseguir dar conta das demandas do bebê: *“eu pedia pra ele ser bonzinho e não chorar muito, porque eu tinha medo de ficar nervosa e não conseguir lidar com ele”*.

No que se refere ao parto, Simone temia sentir dor durante a cirurgia: *“como foi cesariana, eu fiquei com medo que doesse a cirurgia”*. No dia anterior ao nascimento de Diego teve uma consulta com seu médico que dissera: *“vão para casa se arrumar e eu quero vocês no hospital às 6 horas”*. Simone refere que, entre a consulta com o médico e o parto, viveu um momento de ansiedade intensa. Mas o parto, propriamente dito, foi uma experiência tranquila.

Experiência da maternidade

De acordo com Simone, a reação que teve ao ver seu filho pela primeira vez foi de felicidade: *“eu não me agüentei de tanta felicidade”*. Simone referiu que quando saiu do hospital sua mãe permaneceu em sua casa uma semana para ajudar nos cuidados com Diego. Ela lembrou da sua suscetibilidade emocional nesses primeiros dias de vida do filho, descrevendo-se como sensível, pois chorava bastante. Também recordou do cansaço, devido

³ Os nomes dos participantes foram alterados, de maneira a resguardar sua identidade.

às demandas do bebê. Conforme Simone: *“eu tava que parecia um zumbi, ele mamava de duas em duas horas e chorava também (...) quando ele tinha uns quinze dias eu pensava, por que ele não tem dois anos, porque aí ele já não depende tanto de mim”*. Ela não pensava que passaria por tantas mudanças a partir do nascimento de Diego: *“são mudanças muito bruscas e, de repente, a gente passa a viver em função do filho”*.

A principal mudança percebida por Simone após o nascimento de Diego foi a restrição da liberdade e a necessidade de dedicar-se primariamente aos cuidados do bebê: *“a gente podia sair e deitar na hora que quisesse (antes do nascimento do bebê)”*. Para a mãe esses fatores já não eram mais vistos como problemas no momento da realização da entrevista, já que o casal estava conseguindo ter vida social, enquanto Diego ficava sob os cuidados da avó materna. No entanto, Simone referiu que, ao sair com o marido, ainda não ficava muito tranqüila. Ela sentia muita saudade e, em algumas situações, ela pensava que *“se eu pudesse eu não ia”*, para assim poder ficar com o filho.

Em relação à percepção do seu papel como mãe, Simone se descreveu como dedicada, disponível e bastante preocupada com a educação e disciplina do filho. Neste sentido, estava preocupada com o modo como o avô paterno estava cuidando de Diego. De acordo com Simone, o avô estava deixando o neto fazer tudo o que desejava: *“isso tá me incomodando agora (...) às vezes parece que eu sou a carrasca”*. A mãe mostrou-se bastante preocupada em relação ao avós paternos, pois considerava que esse, em alguns momentos, colocava Diego em situação de perigo. Conforme Simone: *“outro dia o Diego ficou uns vinte minutos na casa da minha sogra, quando eu cheguei, a minha sogra tava na sala, olhando tv e o meu sogro na cozinha, tomando café, eu, pronto, cadê o Diego, fui ver, ele tava na lavanderia, subindo numa escada daquelas que abre e fecha (...) e a escada ainda tava fechada (...). Eu disse, depois não adianta chorar, se acontecer alguma coisa”*. Para Simone, os avós maternos são mais adequados, pois esses colocam limites aos desejos de Diego e o avô materno parecia ter habilidades no trato com crianças: *“ah, sabe aquelas coisas de vô (...) eles vão pra garagem, fazer carrinhos e brinquedos com madeira”*.

Vivência dos primeiros movimentos de separação da criança

Um dos primeiros movimentos de separação entre mãe e bebê foi quando Simone retomou as atividades profissionais, quando Diego contava cinco meses de vida. Nos primeiros dias, Simone referiu que saía de casa angustiada: *“eu saía com o coração apertado (...) nas primeiras semanas eu ligava para casa uma ou duas vezes por dia, para saber como é que ele tava”*. Mas depois foi acostumando e tranqüilizando-se, pois considerava que Diego

ficava bem com a babá: *“ele nunca chorou (...) se ele chorasse seria um motivo para eu desconfiar”*. Outro fator que a ajudou a tranquilizar-se era pensar que assim como ter um filho era gratificante, trabalhar também era preciso para a sua satisfação pessoal.

No momento da entrevista a mãe referiu que percebia Diego como mais independente, pois quando desejava algo, ele pedia e tentava fazer aquilo que desejava. Segundo Simone, ele estava sendo criado para ser independente. Mas ela demonstrou insegurança e sofrimento com relação à independização e separação do filho: *“é difícil, eu tenho que amadurecer muita coisa dentro de mim ainda”*.

Em relação ao ambiente em que Diego dormia, Simone afirmou que ele dormia em seu próprio quarto desde os seus dois anos e seis meses de idade e a retirada dele do quarto dos pais foi bem tranquila. *“Às vezes ele dorme em nosso quarto, a gente deixa, depois a gente coloca ele no quarto dele, ou então ele quer dormir no nosso meio, a gente deixa e depois tira”*.

Ingresso da criança na creche

Diego ingressou na creche com vinte e seis meses, por decisão de ambos os pais. De acordo com Simone, desde que ele nasceu os pais já tinham planos para colocá-lo em uma escola infantil quando ele completasse dois anos, pois consideravam que nessa idade ele já estaria com uma maior compreensão das coisas. Então, entre os seus cinco meses e dois anos de idade, ele ficou em casa sob os cuidados da babá, enquanto os pais trabalhavam fora. Quando Diego completou dois anos a babá teve que mudar-se para outra cidade, o que fez com os pais modificassem seus planos, pois, primeiramente, pensaram em deixar Diego um turno em casa com a babá e no outro, levá-lo para a creche, mas não foi possível. Por isso, conversaram com os avós paternos para verificar a possibilidade desses de cuidarem de Diego em um turno. Mas os avós conversaram com os pais e preferiram não aceitar, pois já estavam aposentados e não desejavam assumir esse compromisso. Simone entendeu a decisão dos avós e resolveu colocar Diego na creche em turno integral. Os motivos que fizeram com que os pais colocassem Diego em uma escola infantil diziam respeito à sua socialização, aprender a dividir, aprendizado e brincar com outras crianças, porque em casa ele convivia somente com adultos.

No que se refere aos sentimentos da mãe ao colocar seu filho na creche, Simone disse ter sentido-se feliz na primeira semana. Depois, seus sentimentos foram de preocupação, desconfiança e insegurança: *“ele começou a chorar e não querer ficar na escola (...) eu pensava alguma coisa tem (...) eu ligava sempre para a escola, todos os dias, eu confesso que*

passei insegurança para as professoras". Simone também referiu que o aspecto que lhe agradou em virtude do filho estar na escola foi ver o seu aprendizado. E o principal aspecto que lhe desagradava com relação ao filho estar na creche era o manejo da escola com os pais *"eu ficava preocupada e vinha na escola e a secretária muito antipática me tratava mal (...) não deixam eu entrar na creche, me trazem o Diego, parecem uns robôs. Aí por qualquer coisa que aconteça eu vou direto pra agenda pra saber o que está acontecendo"*. Portanto, Simone descreve sua adaptação à escola do filho como sendo muito difícil, porque passou por momentos de angústia, insegurança, preocupação e desconfiança. No momento da entrevista esses sentimentos estavam um pouco mais tranquilos, embora ela ainda não conseguisse confiar plenamente na escola. Em uma situação de passeio da escola, as professoras levaram seus alunos para assistir teatro em uma escola próxima a de Diego, Simone solicitou ao sogro que o levasse de carro, acompanhasse durante o evento, para depois levá-lo de volta para a escola. Entretanto, considerava que seu filho sentia-se bem na creche: *"eu acho que ele fica bem, pelo menos ele não chora (...) porque se ele chorasse para não ir para a escola, seria motivo para eu me preocupar"*.

Infância materna

Em relação aos sentimentos de Simone nas situações em que estava longe de seus pais durante a sua infância, ela disse que não se lembrava de como se sentia, mas referiu lembrar que chorava muito quando ingressou na creche *"eu chorava muito quando tava longe dos meus pais"*. Ela referiu que teve que ficar numa creche com cerca de quatro anos de idade, pois ela e a irmã mais nova às vezes ficavam sozinhas em casa. Mas sua estada na creche foi por pouco tempo, pois seus pais não tinham condições financeiras para sustentar duas filhas em uma escola privada. E quando entrou na primeira série, estava mais confiante, afirmando que tinha facilidade de fazer amizades: *"eu tinha muitos amigos, conhecia até a outra turma"*.

Discussão dos aspectos peculiares do caso

Na entrevista de Simone foi possível perceber o desejo dela e do marido de ter um bebê. Assim, o espaço de Diego nesta família parecia estar reservado desde a união deste casal. Mas eles esperaram até o momento mais adequado para que pudessem engravidar. Estes fatores parecem ser importantes para a compreensão do modo como Simone exerce a maternidade e a relação mãe-filho que começou a se estabelecer desde então. Parecia que tudo em relação a

Diego era bastante organizado, e o que preocupava Simone era a possibilidade de acontecer alguma situação inesperada.

Quando Diego nasceu, a reação de Simone foi de felicidade e um sentimento de amor imediato pelo filho. Klaus e Kennell (2000) referem que há várias maneiras das mães vincularem-se a seus filhos, dentre elas o apaixonamento imediato por seu bebê. Este fator está ligado à maneira como a mãe vivenciou a gravidez e os sentimentos relacionados a esta experiência. Foi o que, possivelmente, aconteceu com Simone, que esperava tanto este filho e teve uma gestação bastante tranquila.

Na primeira semana após o nascimento de Diego, a mãe sentia muita vontade de chorar, mostrando-se bastante sensível. Mas ela conseguiu cuidar e dedicar-se às necessidades dele. Para Winnicott (2002) este estado de sensibilidade materna, logo após o nascimento do filho, pode facilitar o surgimento de sua capacidade de suprir as demandas do bebê. Simone não imaginava que sua vida pudesse mudar tanto, pois teve que passar a dedicar-se quase que exclusivamente ao filho em seus primeiros cinco meses de vida. Esta dedicação ao filho acabou restringindo a sua liberdade de poder sair com o marido e voltar para casa na hora que desejasse. Winnicott (1960/1983) falou que esse estado de devoção passa, mas que é extremamente necessário para o desenvolvimento infantil e o resultado disso é a aquisição da segurança e confiança, principalmente, na mãe. Este estado de devoção de Simone para o seu bebê em seus primeiros meses de vida, apesar de ter sido cansativo para ela, pareceu também ter sido vivido como uma experiência prazerosa e compensadora.

Durante a entrevista, Simone mencionou que conseguiu voltar à sua rotina, isto é, retomou às suas atividades profissionais e conseguia sair sozinha com o marido. Apesar disso, revelou uma certa dificuldade em separar-se de seu filho, pois não conseguia ficar totalmente tranquila ao sair e deixá-lo, preferindo, em algumas ocasiões, não sair para ficar com Diego. Outra dificuldade com relação à separação de seu filho apareceu quando Simone retornou ao trabalho, pois saía de casa angustiada nas primeiras semanas e, por isso, ligava cerca de duas vezes por dia para casa, a fim de saber como Diego estava. Mas ela foi adaptando-se em virtude da confiança que possuía na babá e na sua necessidade de trabalhar fora de casa, para a sua satisfação pessoal e profissional.

Chama a atenção também que Simone considerava Diego como sendo um menino mais independente e tentava criá-lo para isso. No entanto, demonstrou sentir-se insegura e ambivalente em relação à independização do filho. Como exemplo da ambivalência da mãe em relação aos movimentos de dependência/independência do filho, destaca-se que, embora

Diego tivesse o seu próprio quarto, em algumas noites ele pedia para dormir junto com os pais e eles acabavam aceitando.

Uma outra separação importante que aconteceu nessa díade, diz respeito ao ingresso de Diego na escola infantil, o que pareceu ser um processo bastante sofrido para filho e, principalmente, para a mãe, pois o menino ficava chorando e não desejava ficar na creche. Além disso, Simone considerava inadequado o manejo das professoras consigo, o que parecia aumentar a sua desconfiança e insegurança, pelo fato de não sentir-se acolhida pelas funcionárias da instituição. Diferentemente do que aconteceu com a babá, que parecia conseguir tranquilizar Simone. Apesar desses sentimentos de desconfiança e insegurança em relação à escola estarem mais tranquilos quando aconteceu a entrevista, Simone ainda não conseguia confiar totalmente na creche. Ao mesmo tempo, demonstrava ter certa confiança na escola, uma vez que continuava levando o seu filho e considerava que ele ficava bem, pois não chorava para entrar e ficar.

Portanto, estes sentimentos de Simone pareciam estar relacionados a sua infância, pois ela sentia-se triste quando ficava longe de seus pais. Simone chorava muito quando estava na creche, parecendo sentir medo de ser abandonada por seus pais. Isso pode auxiliar a compreensão do intenso sentimento de insegurança de Simone quando colocou seu filho na creche, embora tenha vivido de maneira mais tranqüila outros movimentos de separação. Parece que a creche, para ela, tinha um significado de abandono, o que poderia levá-la a pensar ou fantasiar a possibilidade do filho sentir o mesmo que ela sentia quando afastada de seus pais, o que, provavelmente, lhe gerava intenso sentimento de culpa. Esta culpa era projetada na escola, que talvez também não tenha manejado bem a necessidade de segurança desta mãe. Quando ela pôde ver que seu filho estava bem, seus sentimentos apaziguaram-se e ela ficou mais segura.

Caso 2 – Marina e Rafael

Experiência da gestação e parto

Marina, 21 anos de idade, mãe de Rafael que, no momento da entrevista, estava com 29 meses. Marina estava há dois anos casada quando decidiu ter um filho: *“todo mundo lá em casa queria que eu tivesse um filho (...) e eu achava também que faltava alguma coisa na nossa vida”*. Ela desejava ter um bebê para melhorar a vida do casal, que pensava estar muito monótona, e também por considerar-se muito imatura: *“eu parecia a criança da casa (...) tudo o que eu queria, eu tinha que ganhar (...) a gente poderia até se separar”*. Assim, ela engravidou na expectativa de que isto lhe traria amadurecimento e responsabilidade. Mas quando soube que estava grávida referiu que a sua reação foi *“normal”*, não demonstrando nenhuma reação afetiva.

Durante a gestação seus sentimentos foram de insatisfação com o corpo e revolta: *“eu engordei muito, eu me achava gorda e terrível (...) eu implicava com tudo e brigava muito”*. Preocupava-se muito com a sua forma física, acreditava que estava feia e que as outras pessoas não poderiam considerá-la bonita. Quando era elogiada, pensava que as pessoas estavam fazendo isso somente para agradá-la: *“como é que vão achar uma gorda bonita”*. Além disso, temia não voltar ao seu peso normal: *“eu só pensava que eu ia ficar pra sempre daquele jeito (...) que eu ia continuar gorda”*. Marina também pensava, durante a gestação, nas características físicas de Rafael. Ficava imaginando como seria seu nariz, olhos, tom de pele. A respeito da sua vida após o nascimento do filho, ela afirmou que imaginava, durante a gestação, uma melhora em termos financeiros e emocionais. Isto porque, para ela, ter um filho representava também amadurecimento.

Com relação ao parto, Marina afirmou ter sentido muita dor, muito mais do que esperava. Também disse ter se sentido sozinha, pois sua mãe não pôde entrar junto, além de ter sido mal atendida no hospital onde Rafael nasceu: *“tinha uma enfermeira (...) ela falava umas coisas que me deixaram pior ainda (...) ela disse que agora ta doendo, mas garanto que na hora de fazer não doeu”*. No entanto, conforme Marina mais tarde entraram na sala três enfermeiras mais delicadas e atenciosas: *“elas conversaram comigo, elas ficaram uma hora e parece que a dor passou e, em seguida, eu ganhei”*.

Experiência da maternidade

Marina afirmou que, quando viu seu filho pela primeira vez, a sua reação foi de felicidade e de concretização da fantasia: *“quando tava grávida, eu dizia meu bebê, mas não*

era muito real, quando ele nasceu, se materializou". Apesar disso, ela relatou que, nos primeiros dias após o nascimento do filho, ela sentia tristeza e desânimo e, por isso, não conseguia cuidar de Rafael. Quem cuidou do bebê foi a avó materna. Ela disse que sua mãe e seu marido a apoiaram neste momento. Ela não tinha vontade de sair de dentro de casa e, para tentar animá-la, eles a convidavam para sair: *"eu ia, mas eu me sentia muito triste"*.

Com relação às principais mudanças percebidas pela mãe após o nascimento do bebê, Marina destacou a necessidade de dedicar-se primariamente às necessidades do bebê: *"eu não penso mais em mim, é só nele que eu penso"*. Por isso, considerava ter amadurecido com a maternidade. Marina percebia-se, no momento da entrevista, como sendo uma mãe bastante atenciosa com Rafael, pois tentava fazer tudo o que ele desejava: *"eu não consigo ver ele chorar, eu vou e faço o que ele quer"*.

Vivência dos primeiros movimentos de separação da criança

Para Marina, todas as novidades no comportamento de Rafael lhe pareciam fascinantes. Marina percebia Rafael como sendo uma criança mais independente, e ela sentia-se tranqüila em relação a isso: *"de mim ele é mais desprendido (...) eu acho que é porque eu saio cedo de casa (...) às vezes eu tenho que trabalhar de madrugada também e nem vejo ele (...) a minha mãe diz que eu só penso em trabalhar para dar coisas materiais pra ele"*.

Marina começou a trabalhar fora de casa quando Rafael estava com um ano e cinco meses, o que a trouxe sentimentos de alívio e satisfação: *"eu não agüentava mais ficar em casa (...) eu tava me sentindo uma inútil e por qualquer coisinha eu brigava"*. Nesse momento, a avó materna ajudou Marina. Foi ela quem ficou com Rafael enquanto Marina trabalhava: *"mas depois de um mês eu resolvi colocar ele na creche, ele só fica com a mãe ou na creche"*. Marina afirmou que essas eram as únicas formas de cuidados em que ela confiava e acreditava que pudessem beneficiar Rafael.

Em relação ao ambiente em que Rafael dormia, Marina referiu que ele dormia no quarto dos pais, em sua própria cama. Mas havia momentos em que ele pedia para dormir na cama dos pais, entre eles, e os pais aceitavam. Marina falou que havia pedido para o marido fazer o quarto de Rafael, mas também afirmou que não via problemas no fato de Rafael dormir junto com os pais. Apesar de haver espaço na casa para fazer mais um quarto para o menino.

Ingresso da criança na creche

Rafael ingressou na creche com vinte meses de idade, por decisão de sua mãe. Ela acreditava que o filho necessitava de uma maior socialização, pois considerava-o muito

sozinho, convivendo somente com adultos. Ao colocar seu filho na creche, Marina sentiu-se desconfiada e preocupada, pois Rafael chorava, não querendo ficar na escola: *“o que me incomodou muito foi que ele chorava muito (...) eu já tava a ponto de tirar ele (...) se ele não tava querendo ficar é porque alguma coisa tava acontecendo”*. No entanto, conforme Marina, depois que seu filho parou de chorar esses sentimentos foram aliviados.

Os aspectos que agradavam Marina a respeito do filho estar na escola diziam respeito ao aprendizado e a sua maior socialização. Ela afirmou que, logo que Rafael entrou na creche, o que mais a desagradava era o fato de ela ter que trabalhar e deixar o filho sob os cuidados de outras pessoas: *“se eu pudesse eu ficaria em casa cuidando dele, mas se eu ficar em casa é pior, eu sei como é”*. Além disso, a resistência inicial de Rafael em permanecer na escola foi outro fator que incomodou bastante Marina: *“ele não queria ficar, chegava em casa irritado”*. Portanto, a adaptação de Marina à escola do filho foi uma experiência de angústia e desconfiança: *“eu não ficava bem, porque ele chorava muito (...) no início foi difícil”*. No momento da entrevista, referiu que estava sentindo-se mais tranqüila com relação ao filho estar na creche e estava percebendo que ele também sentia-se bem na escola.

Infância materna

Marina lembrou que quando entrou no jardim chorava muito, pois não desejava ficar longe de sua mãe, uma vez que sentia-se desamparada. Recordou também de uma experiência ruim que passara na escola com a sua professora: *“a minha mãe sempre me dava dinheiro para eu comprar merenda e eu comprei um monte de bala e chiclete. A minha professora juntou tudo, disse que aquilo ali era só porcaria e foi no bar e trocou por uma nega-maluca”*. Mariana referiu que esta situação a fez sofrer muito, chegando a não querer mais ir para a escola, baixando o seu rendimento escolar.

Discussão dos aspectos peculiares do caso

No caso de Marina, chama a atenção que o desejo de ter um bebê pareceu ser um desejo mais da família do que dela. Mas o bebê também parecia representar, para Marina, a possibilidade de preencher um vazio e acabar com a monotonia que estava a vida do casal. Assim, o vínculo mãe-filho começou a moldar-se com base em intensas projeções realizadas pela mãe nesta criança, colocada no papel de salvador das condições financeiras do casal e do relacionamento deles. Além disso, Marina destacou seu intenso sofrimento e revolta, durante a gravidez, com a sua forma física. Apesar disso, ela conseguia fazer projetos para o futuro e imagens mentais sobre as características de seu bebê, o que representava uma possibilidade de

conexão com seu bebê. Esta ligação, no entanto, era bastante limitada. Marina tinha dificuldade em perceber seu bebê como real e em ver-se como mãe, o que parece ter ocorrido apenas após o seu nascimento.

Em relação ao parto, Marina também demonstrou seu sofrimento pela dor que estava sentindo e, talvez, principalmente, pelo seu sentimento de desamparo naquela situação. Este sentimento foi destacado em outros momentos da entrevista, como na descrição de Marina sobre o momento de sua infância em que estava longe de sua mãe e sua professora lhe tirou as balas que ela havia comprado. Nesse sentido, pareceu que o sentimento de desamparo era algo marcante em sua história de vida, sempre que não podia contar com sua mãe ou outras fontes de apoio. Isso ficou ainda mais evidenciado pelo fato de ela ter se sentido mais tranqüila, no momento do parto, quando entraram outras enfermeiras mais atenciosas e disponíveis para ela.

Quando Rafael nasceu a reação de Marina, de acordo com ela, foi de felicidade. Ela sentia que apenas após o nascimento do bebê conseguiu senti-lo como real, o que, como referido anteriormente, lhe parecia difícil durante a gestação. Ainda assim, ela não conseguiu cuidar de seu bebê nos seus primeiros meses de vida, que foi cuidado pela avó materna.

Além disso, foram referidos sentimentos de tristeza e desânimo, os quais pareciam se refletir em uma certa indisponibilidade para acolher e tranqüilizar Rafael. Marina somente gratificava-o com coisas materiais como brinquedos e deixando-o dormir no quarto junto com os pais, por exemplo. A avó materna sinalizou este aspecto para a filha, mostrando que ela estava deixando Rafael fazer o que tinha vontade e estava trabalhando somente para comprar o que ele desejava. Outro fator que poderia estar relacionado aos aspectos já mencionados acima refere-se aos sentimentos de alívio e satisfação de Marina quando ela começou a trabalhar fora de casa. Destaca-se a forte expressão utilizada por ela, de que em casa sentia-se uma inútil.

Uma outra separação importante aconteceu um mês após Marina começar a trabalhar fora de casa, que foi a inserção de Rafael na creche. Em relação a isto, pareceu preocupada com o que o filho estava querendo expressar através de seu choro, além de parecer desconfiada do que poderia estar acontecendo na creche, para o menino não ter vontade de ficar. Assim, demonstrou a sua ansiedade e uma certa desconexão com os sentimentos de Rafael, pois, para ela, o choro indicava sofrimento, por isso, estava pensando em tirá-lo da escola, antes de tentar compreender o que realmente poderia estar acontecendo. No entanto, essa ansiedade de Marina aliviou-se quando Rafael parou de chorar.

Caso 3 – Joana e Roberta

Experiência da gestação e parto

Joana é mãe de Roberta, que, no momento da entrevista, estava com três anos. Joana, com 24 anos de idade na época da entrevista, referiu que sua gravidez não foi planejada, tendo ocorrido após quatro de namoro com Luis, pai de Roberta. Quando soube que estava grávida, ficou assustada e ambivalente: *“eu fiquei bem feliz quando soube, quer dizer, primeiro eu não queria”*. Joana afirmou que não desejava ter um filho naquele momento, pois considerava-se muito jovem e nem ela, nem o namorado trabalhavam para prover o sustento da criança. Além disso, antes de engravidar Joana morava com a sua tia que, quando soube da gestação da sobrinha, comprou uma casa para esta ir morar com o namorado, o que ocorreu no quarto mês de gestação.

Durante a gestação, Joana continuava ambivalente: *“eu sentia bem, eu pensava que eu ia ter o meu bebê, mas ao mesmo tempo eu me achava muito nova”*. Ela sentia muita ansiedade e preocupação em relação ao futuro, pois desejava terminar os estudos e o casal não trabalhava fora de casa para prover o sustento financeiro da família: *“eu pensava que eu era muito nova, eu queria terminar meus estudos”*. Ao mesmo tempo, ela pensava, durante a gestação, nas características do bebê e na sua capacidade de maternagem. Joana afirmou que imaginava que teria um menino, mesmo realizando duas ecografias, as quais mostravam uma menina, ela acreditava que fosse um menino: *“se com as minhas vizinhas as ecografias não deram certo, porque que comigo ia dar”*.

No que se refere ao parto, Joana esperava que sofreria mais com a dor: *“todo mundo me dizia que seria terrível, mas não foi”*. No entanto, disse que chorou muito e sentiu-se sozinha durante o trabalho de parto, considerando o parto como uma experiência ruim. De acordo com Joana: *“eu chorei muito, porque eu fiquei sozinha e as enfermeiras não ficam muito tempo e não tem muita paciência (...) quando vinha as dores eu pensava que não precisava tá passando por aquilo ali, porque eu era nova e deveria tá estudando”*.

Experiência da maternidade

A reação de Joana na primeira vez que viu sua filha pode ser caracterizada como sendo de decepção: *“eu achei ela feia, magrinha, eu achava que ia vir um bebezão (...) até a minha irmã disse, mas que feinha, né? E eu disse que sim, eu não ia mentir”*. Com relação aos primeiros dias após o nascimento de Roberta, Joana demonstrou sua suscetibilidade emocional, pois referiu que chorava muito, sendo possível perceber também a sua raiva com relação à condição de ser mãe: *“eu vivia pra cima e pra baixo com ela, eu não parava em*

casa (...) eu não queria assumir casa, marido e filho (...) se ela morresse, ia acabar. Quando ela tinha uns quinze dias eu entreguei ela pra minha mãe, porque eu não agüentava mais (...), mas no outro dia eu fui buscar, porque o meu marido pediu”.

A principal mudança percebida por Joana após o nascimento de Roberta foi a restrição da sua liberdade para dedicar-se aos cuidados do bebê: *“eu saí de uma casa onde eu tinha tudo e tive que assumir casa, marido e filho”.* Também percebeu mudanças no relacionamento com o companheiro, o qual, antes da gestação, era somente seu namorado: *“a gente vivia grudado, onde um ia o outro ia (...) quando ela nasceu isso mudou, porque eu tinha que ficar cuidando dela, isso foi muito difícil pra mim”.*

Joana descrevia-se como uma mãe superprotetora. Ela afirmou acreditar que isso acontecia, em grande parte, por seu sentimento de culpa por ter tratado mal Roberta quando bebê: *“eu agora sou super cuidadora da minha Roberta (...) depois que eu comecei a me tratar eu comecei a me dar conta do que eu fiz”.* No momento da entrevista, Joana estava em tratamento psicoterápico e fazendo uso de medicamento antidepressivo. Ela referiu que buscou o tratamento em função de sua ansiedade e revolta. Por qualquer motivo ela batia, gritava e colocava a filha de castigo. Durante a entrevista, ela disse que, neste momento, estava mais cuidadosa com Roberta: *“parece que tudo o que eu não fiz antes, eu to tentando fazer agora (...) ela já passou por tanta coisa”.*

Vivência dos primeiros movimentos de separação da criança

Joana referiu que estava sempre junto da filha e que a primeira separação das duas foi quando começou a trabalhar fora de casa, o que coincidiu com a época em que Roberta começou a caminhar. De acordo com a mãe, estas duas experiências deixaram-na muito feliz. Começar a trabalhar fora, de acordo com Joana, trouxe-lhe amadurecimento, o que parecia ter sido positivo para seu relacionamento com o marido: *“eu amadureci, não com relação a ela, mas com relação a meu marido (...) eu tinha muito ciúme dele, eu pensava que ele podia conhecer alguém no ônibus (...) aí eu começando a trabalhar eu vi que não tinha nada a ver”.* Nessa época, quem cuidava de Roberta enquanto Joana trabalhava era sua tia e sua sogra, nas quais Joana confiava e sentia-se tranqüila em relação aos seus cuidados.

Com relação à percepção da mãe a respeito da criança, Joana referiu que Roberta era uma menina independente: *“ela se vira, se ela quer alguma coisa, ela vai lá e pega”.* No entanto, Joana revelou que percebia que a filha necessitava e demandava muito por sua atenção, mas nem sempre ela se mostrava disponível para atendê-la: *“eu vejo que ela é muito carente (...) ta sempre querendo carinho e colo (...) mas eu não tenho muito tempo pra ela”.*

Em relação ao ambiente em que Roberta dormia, Joana referiu que ela dormia no quarto dos pais, em sua própria cama. De acordo com Joana o quarto de Roberta já estava quase pronto, faltava pintá-lo e decorá-lo: *“eu sei que já tá na hora dela ir para o quarto dela, mas falta arrumar o quartinho dela, eu quero arrumadinho e bonitinho (...) mas o meu quarto é grande, a gente dorme numa ponta e ela dorme na outra”*.

Ingresso na creche

Roberta ingressou na creche com vinte e cinco meses. Quem decidiu por colocá-la na creche foi Joana, pois considerava a filha muito sozinha, devido a sua indisponibilidade para ficar com ela e cuidá-la: *“eu andava muito com aquele meu nervosismo, nunca achava tempo pra ela”*. Assim, Joana colocou Roberta na creche para a sua socialização e aprendizagem: *“eu também queria que ela brincasse e aprendesse coisas novas”*.

No que diz respeito aos sentimentos da mãe ao colocar sua filha na creche, Joana referiu que sentiu-se bem, pois confiou na escola. Os aspectos que agradaram Joana com relação à filha estar na creche eram a possibilidade de aprendizado de Roberta e a qualidade dos cuidados oferecidos pela escola. No que se refere aos aspectos que a desagradaram, Joana disse ter ficado desconfiada pelo fato de haver meninos e explicou: *“me veio aquele pensamento se eles não iriam fazer nada com a minha Roberta”*. Ela afirmou que teve esse temor de que os meninos pudessem abusá-la sexualmente apenas nos primeiros dias. Depois esse sentimento tranqüilizou-se: *“eu vi que ia ter sempre uma professora cuidando, então, não tem perigo”*.

Joana referiu que a sua adaptação à creche da filha foi tranqüila, apesar de ter saído de lá preocupada como Roberta sentiria-se nos primeiros dias: *“eu já tinha vindo aqui conhecer (...) e ela não tinha problemas para ficar, se ela chorasse, é por que tinha algum problema”*. No que se referia aos sentimentos da mãe em relação à filha estar na creche no momento da realização da entrevista, Joana disse estar tranqüila, pois percebia que Roberta gostava da escola: *“eu acho que ela se sente bem na escola, porque ela pede para ir e nunca teve problema para ficar”*.

Infância materna

Joana referiu que, quando criança, não conseguia ficar longe de sua mãe: *“eu não sei por que, mas eu vivia grudada na minha mãe, aonde ela ia, eu ia junto”*. Além disso, lembrou que somente conseguiu ter uma frequência estável na escola e acompanhar as aulas quando tinha nove anos de idade, época em que foi morar com sua tia: *“a minha mãe bebia e eu entrei na primeira série um monte de vezes, mas não conseguia acompanhar, eu faltava*

demais, porque ela não se importava muito com isso”. Joana optou, ao nove anos de idade, por ir morar com a tia, irmã de sua mãe, pois ambos os pais bebiam e não lhe ofereciam cuidados adequados: “eu fui morar com ela, porque com os meus pais não dava, eles não cuidavam de mim, bebiam muito, brigavam, (...) uma vez eles chegaram bêbados e eu peguei eles transando, eu tomei um susto muito grande eu fiquei apavorada, por isso que eu cuido muito da minha Roberta pra ela não passar por isso também”.

Discussão dos aspectos peculiares do caso

Neste caso foi possível perceber que Joana não planejava ser mãe no momento em que ficou grávida, nem morar com o namorado. Este fator pareceu contribuir para a compreensão da maneira como ela exercia a maternidade nos primeiros dois anos de Roberta e para o tipo de relação mãe-filha que começava a se estabelecer. Neste sentido, parecia não haver espaço para uma criança em sua vida. A gestação e um bebê pareciam representar para Joana uma perda e uma mudança, talvez negativa, no seu relacionamento com o namorado. Assim, ela perdeu a condição de namorada, a sua liberdade para sair com ele no momento que desejasse, além de ter que assumir a responsabilidade pelos cuidados de uma casa e de uma filha.

Durante a sua gestação, Joana pareceu ambivalente, pois não desejava assumir o que, para ela, pareciam obrigações, além de sentir medo em relação às condições financeiras futuras da família que estava se formando. Além disso, ela esperava que seu bebê fosse um menino, mesmo tendo realizado duas ecografias que indicaram ser uma menina, continuava acreditando que seria um menino. O parto de Joana pareceu ser uma experiência sofrida para ela, que se sentiu sozinha nesse momento tão significativo, pois ninguém pôde acompanhá-la. Ela parecia punir-se ainda mais quando vinham as contrações, ao pensar que não precisava passar por aquilo ali, pois deveria estar estudando. Pode-se pensar que o fato de Joana sentir-se sozinha, sofrendo pela falta de uma pessoa disponível que ficasse com ela naquele momento, remete a alguns dados de sua infância. Os seus pais bebiam, brigavam entre eles e não se mostravam constantes, nem disponíveis para as demandas de Joana. Esta carência, que parece ter sido bastante significativa para sua vida, também parece ter se manifestado na sua vivência dos primeiros cuidados com a sua filha.

Joana desejava que seu filho fosse “um bebezão” e “moreninho”. Mas nasceu uma menina, muito pequena aos olhos da mãe. Por isso, possivelmente, sua reação ao ver a filha pela primeira vez foi de decepção. Conforme Klaus e Kennell (2000), levando-se em consideração que a experiência de ter um filho é de grande sensibilidade, não se pode esperar que a mãe sempre ame seu bebê imediatamente após o nascimento. Para os autores, os

conflitos emocionais que não são resolvidos durante a gestação podem ser revividos com o nascimento da criança. Neste sentido, a maneira como Joana vivenciou a sua gestação pareceu influenciar a sua reação quando sua filha nasceu. Embora essas reações maternas de não apaixonamento sejam esperadas, pareceu que a decepção de Joana ao ver sua filha também estava a serviço do fato de que ela não desejava ser mãe, pelo menos conscientemente, pois pensava que se a filha morresse seus problemas poderiam ser solucionados. Esses problemas eram as transformações que aconteceram em sua vida, decorrentes da maternidade. No entanto, apesar de acontecer situações que demonstravam descuido, Joana sentia-se culpada. Por isso, procurou tratamento, mudando suas atitudes em relação à filha. Ainda em função de seu sentimento de culpa, passou a assumir uma atitude superprotetora.

A partir de todo este histórico, parece que Roberta precisou aprender a ser mais independente, ou seja, aprendeu sozinha a buscar aquilo que desejava. As situações de separação entre mãe e filha pareciam não preocupar Joana. Ao ingressar na escola, o que preocupou Joana foi o fato de haver meninos na creche, e não a separação em si. Este aspecto poderia estar relacionado à infância desta mãe, época em que via seus pais terem relações sexuais.

Caso 4 – Alice e Marcela

Experiência da gestação e parto

Alice, que tinha 20 anos de idade no momento da entrevista, é mãe de Marcela, então com dezoito meses. De acordo com a mãe, sua gravidez não foi planejada e, por isso, a notícia da gestação foi acompanhada de um susto: *“foi terrível, eu nunca imaginava que poderia ficar grávida”*. Ela namorava Henrique, pai de Marcela, há cinco meses quando engravidou. Ao saber da gestação, de acordo com Alice, Henrique não aceitou e mudou seu comportamento em relação a ela. Nesse sentido, pareceu que, nem pai, nem mãe desejavam ter um filho. Alice considerava-se muito jovem e nenhum dos dois trabalhava, sendo sustentados por seus pais. Por isso, Alice referiu que, durante a gestação, possuía sentimentos de terror, medo e preocupação em relação ao futuro: *“medo de depois que ela nascesse de como seria a nossa vida (...) nem curti a gravidez, era terrível”*. Além disso, disse que após os cinco meses de gestação passava mal fisicamente, pois começara a ter contrações *“bah, eu tinha que ir pro hospital, quase toda a semana”*.

Com relação às expectativas da mãe durante a gestação com relação à vida após o nascimento da filha, Alice referiu que não tinha expectativas, pois, segundo ela, preocupava-se somente com o futuro, não conseguindo construir expectativas positivas: *“eu só tinha medo do que poderia acontecer, medo do novo”*. Também não pensava em como seria o parto: *“não tinha nem idéia de como seria”*. Mas, no que se refere à experiência do parto, Alice disse que foi uma experiência ruim, pois foi muito longo e doloroso: *“foi horrível, fiquei treze horas para ter ela (...) ela não queria nascer, a dor era terrível, eu passei por vários procedimentos, foi terrível”*.

Experiência da maternidade

Alice referiu que a sua reação ao ver Marcela pela primeira vez foi de alívio e felicidade: *“quando eu vi ela, todos aqueles meus medos passaram, eu fiquei bem feliz”*. Com relação aos primeiros dias após o nascimento do bebê, Alice demonstrou satisfação com a sua capacidade de maternagem. Percebeu também uma maior aproximação do marido, referindo não ter percebido outras mudanças em sua vida após o nascimento de Marcela: *“nada mudou, ela não me impede de fazer nada, se eu saio, nos lugares que ela pode ir, eu levo, se ela não pode, eu não vou”*. Mas referiu que seus medos passaram: *“eu pude ver que não era como eu pensava que eu não ia arranjar emprego, pensava que não ia poder trabalhar, mas eu to conseguindo”*. Além disso, quando Marcela tinha vinte e oito dias de vida seus pais

retornaram da cidade onde estavam e sua mãe começou a ajudá-la. No que se refere ao seu papel como mãe, Alice percebia-se, no momento da entrevista, como uma boa mãe, bastante dedicada à filha: *“eu acho que sou uma boa mãe, porque eu tento fazer tudo o que eu posso pra ela. Não faço tudo o que ela quer, mas tento fazer de tudo”*.

Vivência dos primeiros movimentos de separação da criança

Alice percebia Marcela como sendo uma criança bastante dependente: *“ela depende de alguém pra tudo (...) ela não pode ficar sozinha, tem sempre que ficar alguém com ela, ou então ela quer ficar agarrada em mim (...) se ela fica sozinha, ela chora e grita que parece que tão matando”*. Alice acreditava que a filha sentia medo e relacionava este medo com aquele que ela própria sentia enquanto estava grávida. No entanto, percebia que, quando bebê, Marcela não manifestava esses comportamentos: *“eu acho que eu passei esse medo pra ela durante a gravidez, porque eu também não podia ficar sozinha, tinha sempre que ficar alguém comigo (...) e ela é assim (...) mas ela não era assim como agora”*. Alice mostrou-se intolerante à dependência de Marcela: *“eu deixo ela chorando, se eu ficar na volta é pior”*.

Alice começou a trabalhar fora de casa quando Marcela tinha três meses de vida. Como ela foi trabalhar na empresa dos pais, levava a filha junto para o seu trabalho. Isso ocorreu até a menina completar doze meses, idade em que começou a caminhar. Dessa maneira, Alice referiu que começar a trabalhar foi uma experiência tranqüila, pois não precisava afastar-se da filha. Além disso, Alice trabalhava junto com seus pais, os quais a ajudavam nos cuidados com Marcela quando a mãe estava indisponível, por estar atendendo algum cliente.

Com relação ao ambiente em que Marcela dormia, Alice afirmou que ela dormia no quarto dos pais, na cama desses e a mãe não tinha intenções de retirar a filha de seu quarto, embora houvesse espaço em sua casa para fazer um quarto para a menina. Conforme a mãe: *“ela dorme com a gente, pra gente ficar mais juntas, aí dorme eu, o meu marido e ela, na mesma cama”*.

Ingresso na creche

Marcela ingressou na creche com doze meses de idade, por iniciativa de sua mãe. Os motivos que fizeram com que Alice colocasse Marcela na creche diziam respeito ao espaço físico, pois a menina mexia em tudo, não ficava mais parada em um mesmo lugar e a mãe sentia dificuldades para cuidar da filha no seu local de trabalho. Conforme Alice *“ela já tava começando a engatinhar e caminhar e não ficava mais parada no mesmo lugar e mexia em tudo (...) aí não dá, se a gente se distrair, ela poderia ir pra rua”*.

Com relação aos sentimentos da mãe ao colocar a filha na creche, Alice referiu que sentiu-se tranqüila e demonstrou confiança na escola. Agradava-lhe também a qualidade dos cuidados, a rotina e a socialização que a escola oferecia: *“eu vejo que ela é bem tratada”*. Mas o aspecto que a desagradava com relação a Marcela estar na escola referia-se ao comportamento de resistência da filha em permanecer na creche: *“ela chora muito e não quer ficar”*. Alice referiu que esta resistência de Marcela lhe incomodava nos primeiros meses, mas, no momento da entrevista, ela já estava mais tranqüila: *“eu deixo ela chorando, isso me incomodava, mas agora não incomoda mais, porque ela faz assim com todo mundo, quando ela fica sem mim”*. Apesar de se sentir mais segura, Alice afirmou que ainda ficava abalada quando deixava Marcela na creche e a filha ficava chorando: *“eu saio com o coração apertado”*.

No que se refere à adaptação materna à creche da filha, Alice disse ter sido tranqüila: *“eu já tinha vindo aqui antes conhecer a escola e gostei”*. Além disso, referiu estar tranqüila em relação à Marcela estar na creche, pois percebia que a filha sentia-se bem na escola e a sua rotina estava mais organizada: *“agora ela tem horário pra tudo (...) agora ela sabe ouvir não (...) antes ela acabava me enrolando e eu acabava cedendo”*.

Infância materna

Com relação aos sentimentos da mãe, durante a sua infância, em situações em que estava longe dos pais, Alice referiu que conseguia adaptar-se. Foi assim quando ela entrou na pré-escola: *“eu entrei bem (...) eu me virava, não chorava assim que nem ela”*. Alice mencionou que não frequentou creche e que, assim como a filha, também era levada para o trabalho dos seus pais: *“eu ia pro trabalho com os meus pais, tudo o que eu vivi, ela ta vivendo”*.

Discussão dos aspectos peculiares do caso

Ao examinar o caso de Alice foi possível verificar que, para ela, a sua gestação foi inesperada e a idéia de ter um filho naquele momento parecia representar algo terrível. Além disso, estava passando por mudanças e adaptações, considerando-se que seus pais estavam viajando e ela foi morar na casa da família do namorado com este. Assim, não parecia haver desejo nem espaço em sua vida para um filho, pelo menos em um nível consciente, naquele momento. Um aspecto relevante que pareceu ter contribuído para o seu sentimento de terror em relação à gestação foi a atitude de rejeição do pai de Marcela. Outro aspecto importante era o seu medo, preocupação com relação a como ficaria sua vida após o nascimento do bebê,

uma vez que considerava-se imatura e o casal não trabalhava para sustentar um filho. Talvez em função disso ela não conseguiu construir expectativas positivas para a sua vida após o nascimento da filha. Assim, a gestação e a maternidade pareciam resumir-se, para Alice, em um sofrimento, pois implicavam em perdas e mudanças significativas em sua vida.

O parto, para Alice, também não foi uma experiência da qual ela lembrava-se com ternura, mas como uma vivência ruim e sofrida. Quando Marcela nasceu, Alice disse que se sentiu aliviada e feliz ao ver a filha pela primeira vez, indicando o início de um sentimento de amor e proximidade.

Além disso, chamou a atenção que Alice referiu não ter percebido mudanças em sua vida após a maternidade, embora referisse que levava a filha a todo lugar onde ia e, se o local não permitisse crianças, ela privava-se. Este aspecto demonstra uma modificação na vida dessa mãe, no sentido de uma privação. No entanto, o fato de Alice não perceber mudanças em sua vida poderia significar um esforço para negar as dificuldades e necessidade de adaptações trazidas pela maternidade. Por isso, talvez ela estivesse excluindo as suas próprias necessidades e desejos ao levar a filha sempre consigo, mesmo que às vezes não tivesse vontade.

Talvez Marcela demonstrava-se mais independente, pelo fato de perceber a indisponibilidade interna da mãe. No entanto, Alice acreditava que esse comportamento da filha estava relacionado aos seus medos durante a gestação. Mas, ao sentir-se sozinha, Marcela chorava e gritava, parecendo estar tentando mostrar a sua existência e o possível medo de ser fragmentada pela falta da mãe. Esse comportamento também apareceu no momento em que Marcela ingressou na creche. Alice incomodava-se com o fato da filha ficar na escola chorando e não ter vontade de ficar. No entanto, passadas algumas semanas, ela deixava a filha chorando e seguia para o seu trabalho, mesmo sentindo-se preocupada, mas confiava nas cuidadoras da creche e sabia que a filha ficava mais tranqüila logo depois que ela saía.

O incômodo de Alice com o choro da filha na chegada na creche parece também estar relacionado a sua história de vida. Alice relatou que “se virava” quando se separava dos seus pais, o que pode significar uma negação do seu sofrimento frente às separações. Sua bebê mostra este sofrimento, não o esconde, o que parece ser sofrido para a mãe.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi investigar os sentimentos das mães em relação à maternidade e à inserção do seu filho na creche. Para tanto, foram utilizados cinco eixos interpretativos na análise das verbalizações: *experiência da gestação e parto, experiência da maternidade, vivência dos primeiros movimentos de separação da criança, ingresso da criança na creche e infância materna*. Esses eixos interpretativos também nortearão a discussão dos resultados. Através da análise destes eixos, buscar-se-á compreender aspectos da relação entre as mães e seus bebês, desde a gestação, realizando algumas analogias com o processo de inserção na creche destas duplas.

Quanto ao vínculo mãe-bebê, primeiramente foi abordado o desejo da mãe de ter este filho e como se deu, ou não, o planejamento da gestação. É importante pensar sobre o desejo de ter um filho no projeto da gestação, bem como nos sentimentos experimentados pelas mães durante este período, pois estes fatores também possibilitam uma idéia de como se dará a futura interação mãe-filho (Caron, 2000). Neste sentido, Simone e seu marido desejavam ter um filho e organizaram-se para que ele viesse no momento de vida adequado para o casal. Por isso, ela pareceu bastante satisfeita com a notícia da gravidez. Foi possível perceber que aconteceu, neste caso, a articulação do desejo inconsciente com a vontade consciente, isto é, a gravidez de Simone foi planejada e desenvolveu-se conforme seus planos (Szejer & Stewart, 1997). Foi possível perceber também todo o seu preparo durante a gravidez para não passar por nenhum desconforto. De acordo com Raphael-Leff (1997) estas são necessidades que revelam algumas preocupações das gestantes que podem estar relacionadas com as suas experiências de vida mais arcaicas. O autor também descreveu três tipos de mães em relação ao parto, baseado nas necessidades das mesmas: facilitadora, reguladora e a alternativa. Ao verificar o caso de Simone foi possível pensar em algumas características da mãe reguladora, para a qual o parto é um evento médico. Isto porque ela se utilizou de todos os meios para evitar o desconforto, bastante preocupada para que tudo saísse conforme planejou, buscando, assim, a sensação de manter o controle das situações.

No caso de Marina, esta pareceu ter decidido ter um filho estimulada pelo desejo da família, em um momento que estava insatisfeita consigo e com o relacionamento com o marido. Em função de suas insatisfações, acreditava que um filho poderia resolver as suas frustrações, trazendo-lhe maior responsabilidade e amadurecimento. Ao levar-se em consideração que o período gestacional envolve um turbilhão hormonal, físico e emocional,

também pode constituir-se em uma oportunidade de desenvolvimento maturacional para a mulher. No entanto, é uma experiência bastante forte, na qual as expectativas e previsões femininas nem sempre são alcançadas, podendo ser vivida como prazerosa ou não, pois envolve os maiores desafios, segredos e incertezas do ser humano (Caron, 2000; Szejer, 2002). Por isso, cada mulher vai vivenciar seu período pré-natal de maneira diferente. Deste modo, ter um filho com base em uma insatisfação consigo mesma é uma decisão arriscada, que tende a gerar sofrimento e frustração.

Ao examinar o caso de Joana, verifica-se que ela engravidou após quatro anos de namoro, não planejou a gestação e mostrou-se ambivalente em relação ao desejo de ter um bebê. Da mesma forma, Alice não planejou engravidar e ter uma criança, considerando-se jovem para ser mãe, pois estava com dezoito anos quando engravidou. É importante ressaltar uma semelhança entre Joana e Alice, pois ambas, embora não tenham planejado a gestação, nem desejassem ter uma criança, assumiram a gravidez e a criação de seus bebês. Apesar disso, percebia-se a indisponibilidade de Joana para cuidar da filha, assim como a sua insatisfação pessoal, manifestadas pelos graves descuidos com Roberta. Em algumas situações, mesmo buscando-se evitar uma gravidez, acaba-se gerando um bebê. São os desejos inconscientes que podem manifestar-se através de atos falhos como, por exemplo, esquecer de usar o método contraceptivo (Szejer & Stewart, 1997; Caron, 2000; Szejer, 2002). Os sentimentos acionados durante a gravidez não pertencem somente ao nível consciente, também são determinados pelo inconsciente (Caron, 2000). Por isso, cada projeto de gravidez tem a sua particularidade, uma vez que os desejos que o tecem são específicos do momento de vida do casal (Szejer, 2002). Assim, percebeu-se que cada gestação e o desejo de ter um filho foram vivenciados de maneiras diferentes pelas mães do presente estudo.

No que se refere aos sentimentos e expectativas das participantes durante a gestação também são observadas diferenças, levando-se em consideração o descrito anteriormente sobre a especificidade de cada gravidez. Simone demonstrou-se muito feliz em relação à sua gravidez, mas revelou uma intensa necessidade de manter o controle em relação a ela, demonstrando ansiedade e insegurança frente às situações que pudessem fugir daquilo que ela planejou e esperou. Pareceu que, para ela, o inesperado era desorganizador e causador de ansiedade.

Em relação à gravidez de Marina, esta demonstrou ter vivido momentos de angústia, tristeza, raiva e insatisfação com sua forma física. Talvez estas reações poderiam ser maneiras de expressar a revivência de alguns conflitos e experiências primitivas. Neste sentido, o período gestacional para a mulher é um momento de transição, de suscetibilidade emocional e

de intensos sentimentos (Brazelton & Cramer, 1992; Klaus & Kennell, 2000; Szejer, 2002). Assim, como descrito anteriormente, cada mulher vai vivenciar a sua gestação de uma forma diferente. Além disso, essas manifestações de Marina exprimem sobre o modo como estava percebendo a sua gestação, a qual parecia um peso para ela, constituindo um esforço seu em algo que pudesse melhorar a vida do casal.

Joana, durante a sua gestação, sentia-se muito ambivalente. Ela pensava no bebê, mas a sua vontade era de terminar seus estudos. Ela vivenciou essa gravidez como algo inesperado, que transformou drasticamente toda a sua vida, isto é, ela teve que renunciar ao papel de filha e de namorada para assumir o papel de mulher e responsabilizar-se pelos cuidados de casa, marido e filho. De acordo com Klaus e Kennell (2000), esse sentimento de ambivalência poderia estar relacionada com o fato da gravidez ser planejada ou não, do desejo de ter um filho, pelos sentimentos e fantasias em relação a seus próprios pais. Nesse sentido, parece que o sentimento de ambivalência foi intensificada no caso de Joana, pois sua gravidez foi considerada como inesperada. O mesmo aconteceu com Alice que percebia o seu período pré-natal como sendo terrível, sentia muito medo e preocupação em relação a seu futuro em termos financeiros. Ao considerar os sentimentos e fantasias maternas desde a concepção, é possível observar que essas vão constituindo a identidade do bebê, que passa a assumir a carga das projeções feitas por seus pais (Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004). Então, ao verificar os quatro casos (Simone, Marina, Joana e Alice) torna-se plausível pensar no lugar e no papel que seus filhos ocuparam após o nascimento, assim como na formação dos laços afetivos entre mãe e filho.

Outro momento bastante significativo para a relação mãe-bebê, diz respeito ao parto, cuja experiência é vivenciada de formas diferentes e específicas para cada mulher. Nesse sentido, Simone demonstrou a sua ansiedade momentos antes de seu parto. Esta mãe, como referido, sentia uma necessidade de controlar as situações que envolviam a chegada de seu filho, e o parto (conforme realizado atualmente, em hospitais) é uma situação sobre a qual a mulher tem pouco controle. Além disso, encerra várias fantasias da mãe, dentre as quais o fim de seu sentimento de completude e a primeira experiência de separação mãe e filho, sentida por Simone como uma separação abrupta da condição de gestante para o papel de mãe. No entanto, pôde-se perceber a sua felicidade e a sua satisfação, através de suas descrições em relação ao nascimento de Diego.

Diferentemente de Simone, Marina descreveu seu parto como sendo uma experiência ruim, pois sofreu muita dor. Além disso, demonstrou sua insatisfação com relação ao atendimento oferecido por uma das enfermeiras do hospital onde Rafael nasceu. Raphael-Leff

(1997) refere que, geralmente, as gestantes preocupam-se com a recepção e o tratamento que ela e seu bebê receberão. E, quando mal-atendidas, por pessoas estranhas em um ambiente estranho, sentem-se profundamente desorientadas. Nesse sentido, Marina demonstrou que a sua dor não era somente física, pois quando entraram outras enfermeiras mais continentas, que se conectaram ao que ela estava sentindo, ela sentiu-se acolhida, o que pareceu para que amenizou a sua dor. Joana pareceu ter passado por situação semelhante, pois manifestou o horror que foi estar com dores, sentindo-se sozinha, com falta de alguém junto com ela para quem ela pudesse confiar a sua dor.

Alice também descreveu o seu parto como sendo uma experiência horrível, contando ter passado por vários procedimentos invasivos e dolorosos. No decorrer do trabalho de parto, conforme as contrações aumentam em duração, intensidade e frequência, as emoções da mulher também variam no mesmo compasso, alcançando o pânico ou fúria no auge de uma contração, seguido de intervalos de relaxamento (Raphael-Leff, 1997). Então, cabe ressaltar a necessidade e a importância de que alguém acompanhe e esteja disponível para a parturiente, o que pode fazer com que a experiência do parto seja menos sofrida. Isto, por sua vez, contribui para o comportamento maternal posterior, para a auto-estima feminina, que pode influenciar negativa ou positivamente na interação mãe-filho (Klaus & Kennell, 2000).

Passado o trabalho de parto e o nascimento, foi possível observar que a reação das mães do presente estudo ao ver seus filhos pela primeira vez foi de felicidade. Somente Joana teve reação diferente, de decepção, pois imaginava um bebê bonito e grande, mas o bebê real foi, na sua percepção, feia e pequena.

Os primeiros dias após o nascimento do bebê também revelam-se importantes, pois demonstram os primeiros movimentos de adaptação da mãe em relação ao seu filho e à sua vida. Simone, Marina e Joana, referiram, que nos primeiros dias, estavam bastante sensíveis, pois por qualquer motivo choravam. No entanto, Simone referiu que não chorava por tristeza, mas sim por sentir-se muito sensível. Winnicott (2002) afirmou que logo após o nascimento do bebê a mãe, comumente, vai encontrar-se em um estado de extrema sensibilidade, que a torna capaz de lidar com as necessidades de seu filho. Este estado foi denominado pelo autor como preocupação materna primária, e consiste num movimento de regressão da mãe, para estar em melhor sintonia com seu bebê. Este movimento é extremamente benéfico para o desenvolvimento do bebê e, portanto, pode-se pensar que o choro de Simone tivesse esse caráter de saúde emocional.

Porém Marina e Joana referiram que choravam devido ao fato de sentirem-se tristes e desanimadas. Marina não conseguiu cuidar de seu filho nos seus primeiros três meses de vida,

e quem assumiu os cuidados de Rafael foi a avó materna. Joana, por sua vez, referiu ter conseguido cuidar do bebê, mas revelou terem acontecido situações de graves descuidos com a menina. Por exemplo, quando Roberta quase morreu, pois, por descuido da mãe, a menina ingeriu duas doses de remédio em vez de uma. Já Alice relatou ter se sentido satisfeita nos primeiros dias após o nascimento de sua filha. As reações maternas e seus sentimentos nos primeiros dias após o nascimento de seus bebês são variáveis e estão relacionadas com o momento de vida da mãe, assim como com o contexto em que está inserida a díade mãe-filho (Klaus & Kennell, 2000; Winnicott, 2002).

Além de todas as transformações emocionais, físicas e hormonais pelas quais a mulher passa durante a gestação, após o nascimento também ocorrem mudanças consideráveis. Nos primeiros meses após o parto, também acontecem transformações emocionais bastante significativas na mãe, as quais podem ocasionar instabilidade de humor (Carter & McGoldrick, 1985). Com relação a este aspecto, a principal mudança percebida por Simone, Marina e Joana foi em relação à dependência total que o bebê tinha da disponibilidade materna para provê-lo de cuidados. Com o nascimento de Diego, Simone percebeu uma restrição de sua liberdade, por ter que dar prioridade aos cuidados do bebê. Apesar de seu cansaço físico e emocional, a experiência de ser mãe e ter um filho pareceram ter sido muito prazerosas e compensadoras para Simone, que mostrava-se uma mãe bastante dedicada e preocupada. Marina considerou que a principal mudança vivenciada por ela após o nascimento de Rafael foi o seu amadurecimento. Com o nascimento do filho ela passou a tentar fazer de tudo para que ele não chorasse, referindo que não pensava mais nela, somente em Rafael. Neste sentido, é possível pensar que a mãe poderia estar presente fisicamente, mas emocionalmente ausente, pois talvez não conseguia envolver-se com as necessidades reais de seu filho (Stern, 1997). As mudanças ocorridas na vida de Joana diziam respeito à restrição de sua liberdade, e também ao relacionamento com seu marido. Estas mudanças desencadearam uma grande frustração materna e, talvez, uma carga que sua filha teria que carregar, pois a maternidade pareceu ter sido vivida, por Joana, como um acúmulo de perdas e restrições.

Alice, por sua vez, negou ter havido mudanças significativas em sua vida após o nascimento de sua filha, a não ser o alívio dos temores que tinha durante a gestação. No entanto, essa negação poderia estar a serviço de proteger-se do sentimento de que algo não estava bem com relação a si própria ou com a condição de ser mãe, pois as mudanças em sua vida após a maternidade eram evidentes. Assim, ao verificar as mudanças que ocorreram na vida destas quatro mães após o nascimento de seus bebês, encontra-se apoio para a afirmação

de Carter e McGoldrick (1985) de que cada mulher sente a chegada de um filho de maneiras diferentes.

Saber como as mães descrevem seu papel materno é importante, pois demonstra como elas se percebem em relação ao filho, suas preocupações, sentimentos, interesses, o que também vai incrementando o conhecimento sobre o vínculo entre mãe e criança. Em relação a este aspecto, Simone demonstrou-se dedicada, disponível e preocupada com o desenvolvimento do filho. Por isso, considerava algumas atitudes do avô paterno como sendo inadequadas, pois esse permitia que Diego fizesse tudo o que desejasse e não era isso que ela considerava o melhor para a educação do filho. Simone pareceu preocupada em relação ao armazenamento de experiências de Diego e às relações de objeto que ele estava estabelecendo, pois imaginava que o filho pudesse percebê-la como uma “*carrasca*”, já que os avós paternos permitiam que o neto fizesse tudo o que tinha vontade. Marina descreveu-se como sendo bastante atenciosa e preocupada com Rafael, mas, ao contrário de Simone, buscava fazer tudo o que seu filho desejava. No entanto, isso parecia configurar-se em um indício de indisponibilidade e de que a mãe não estava conectada às reais necessidades de seu filho, pois não suportava vê-lo chorando e fazia de tudo para que isso não ocorresse.

Joana, quando falou de seu papel como mãe, revelou sentir-se culpada em relação à forma como tratava Roberta nos seus primeiros dois anos, considerando-se uma mãe negligente, inadequada. Essas atitudes de Joana pareciam estar relacionadas ao não desejo de ter um bebê, aos sentimentos ambivalentes vividos durante a gestação e à sua depressão (Caron, 2000). Mas, felizmente, Joana, ainda que após dois anos do nascimento da filha, procurou tratamento e passou a dedicar-se de uma forma mais adequada aos cuidados de Roberta. Já Alice referiu ser dedicada, mas demonstrou-se indisponível para falar mais sobre isso. Somente referiu que, dentro de suas possibilidades, fazia para a filha tudo o que estava a seu alcance. Portanto, foi possível perceber que as formas de preocupações e dedicação diferiam para cada mãe. Todas falaram de suas preocupações com as necessidades e desejos dos filhos, mas cada uma dedicava-se a isso de maneira distinta. Este aspecto pode estar vinculado aos seus desejos e crenças, inconscientes e conscientes, que também vão sedimentando a relação mãe-criança.

Em relação à vivência dos primeiros movimentos de separação da criança, para Simone isso aconteceu quando seu filho estava com cinco meses de vida, época em que retornou às atividades profissionais. No início, ter que sair e deixar o filho sob os cuidados da babá pareceu ter sido vivido como algo angustiante, e mobilizado na mãe a ansiedade de separação. No entanto, as atitudes da babá em relação a Diego e a tranquilidade desse em relação à babá

foram amenizando a ansiedade e a culpa de Simone por deixar seu filho. É importante lembrar que, neste momento, de acordo com Mahler (1975/1993) a criança está passando pelo primeiro movimento de separação que é a *diferenciação*, no qual o bebê começa a perceber que é um ser separado da mãe. Por isso, a criança precisa muito da tranquilidade e disponibilidade materna para acontecer o que autora chamou de *abastecimento emocional*.

Para Marina, o primeiro movimento de separação de seu filho aconteceu quando ele estava com doze meses, idade em que começou a caminhar. Esse processo pareceu ter sido tranquilo para Rafael e para sua mãe, que o estimulou e dedicava-se somente para os cuidados dele, pois Marina ainda não trabalhava fora de casa nessa época. Outro movimento de separação importante aconteceu cinco meses após a aquisição da habilidade de caminhar, quando Marina começou a trabalhar, não dispondo de seu tempo somente para cuidar de seu filho. Contudo, esse tempo integralmente dedicado ao filho talvez não fosse tão benéfico ao desenvolvimento do bebê, tendo em vista que Marina referiu que estava insatisfeita permanecendo somente em casa. A sua inserção no mercado de trabalho contribuiu para melhorar a sua satisfação pessoal, as condições financeiras do casal e também a sua interação com Rafael. Antes de começar a trabalhar fora, a relação mãe-filho parecia ser do tipo simbiótica, pois, conforme ela mesma disse, “*eu tava sempre em cima dele*”, e talvez não houvesse espaço para o menino, nem para ela, uma vez que ela sentia-se inútil, bastante revoltada e insatisfeita. Quando Marina iniciou suas atividades profissionais, pareceu iniciar-se um processo de rompimento da simbiose, na medida em que mãe e filho foram alcançando suas identidades individuais, a partir da separação (Mahler, 1958, 1975/1993).

Quando Joana começou a trabalhar fora de casa, Roberta estava com um ano de idade. De acordo com a mãe, essa foi a sua primeira experiência de separação da filha, pois antes ela ficava somente em casa, demonstrando-se frustrada com as perdas que a maternidade lhe impôs. Neste sentido, quando começou a trabalhar fora de casa, conseguiu relacionar isso somente com a melhora de seu relacionamento com o marido, não demonstrando reações afetivas em relação à separação de sua filha. Este aspecto também demonstrou as dificuldades da interação de Joana com Roberta. A mãe confirmou esta hipótese ao referir que na época em que começou a trabalhar fora, também estava passando por um período de intensa ansiedade e sofrimento psíquico, os quais ela relacionou com a maternidade. Portanto, cabe ressaltar que cada mãe sente a separação de seu filho de maneira que lhe é peculiar. Por isso, é necessário compreender os sentimentos relacionados a isto e o porquê de tais reações terem sido despertadas, antes de qualquer julgamento precipitado, o que pode gerar mais sofrimento.

A primeira experiência de separação entre Alice e Marcela foi quando a menina foi colocada na creche, aos doze meses. Alice parece ter se sentido alívio e preocupação. Alívio, porque não dava conta das demandas da filha, já que esta era levada para o trabalho da mãe, que referiu que ela mexia em tudo e não conseguia atendê-la e estar disponível para cuidá-la. E preocupação, porque a menina chorava para não ficar.

No que se refere ao processo de independização infantil, Simone descreveu Diego como sendo uma criança independente. Marina e Joana também percebiam seus filhos da mesma forma. Cabe ressaltar que cada criança possui a sua própria história de vida, sua própria constituição e relações familiares. Por isso, os níveis e percepções do tipo de independização variam significativamente, e a aquisição desta habilidade depende das histórias de vida dos pais, de suas próprias experiências atuais e primitivas, que vão modelando a relação mãe-filho, estimulando ou não o desenvolvimento infantil rumo à independização. Pôde-se perceber que, no início da vida de Diego, Simone conseguiu utilizar a sua capacidade para satisfazer a dependência do filho, graças à devoção profunda a ele no início de sua vida. O resultado desta dedicação é um sentimento de continuidade e segurança, na constituição da identidade e independência infantil (Winnicott, 1960/1983). Embora Simone percebesse a maior independência de Diego, manifestou a sua ambivalência em relação a isso, pois, ao mesmo tempo em que desejava que o filho fosse independente e acreditava que ele estava sendo criado para isso, também demonstrou-se insegura e ansiosa em relação ao crescimento e separação do filho. Um dos aspectos que pareciam estar corroborando esta ambivalência de Simone era a dificuldade de colocar Diego para dormir em seu próprio quarto.

Marina percebia seu filho como mais independente ou “*desprendido*”, nas palavras dela. Ela atribuiu essa independência do filho ao fato de que, em muitas situações, ela não podia estar com Rafael em função de seu emprego. No entanto, levando-se em consideração os aspectos já assinalados sobre essa relação mãe-filho, foi possível pensar que Marina não estava conseguindo investir emocionalmente em seu filho, isto é, pareciam haver falhas nesta capacidade (Stern, 1997). O fato dela fazer tudo o que o menino desejava, assim como não buscar fazer um quarto para o filho e colocá-lo para dormir no mesmo, demonstram uma certa indisponibilidade interna dessa mãe em relação às necessidades de Rafael.

Em relação ao ambiente em que Roberta dormia, Joana mostrou-se ambivalente, na medida em que desejava envolver-se com a arrumação do quarto da filha e dedicar-se à mudança de Roberta de quarto, mas, ao mesmo tempo, pareceu acomodada, preferindo deixar como estava. Assim, pareceu haver uma percepção materna de que a filha deveria possuir o

seu espaço em casa, mas, principalmente, em sua vida. No entanto, parecia não haver uma disponibilidade interna de Joana para envolver-se com as necessidades de Roberta.

Alice descreveu Marcela como sendo dependente, pois não conseguia ficar sozinha: sua mãe deveria estar sempre ao alcance de sua visão, caso contrário, de acordo com Alice, ela chorava e gritava. Em relação a estas atitudes de Marcela, Alice mostrava certa indisponibilidade e intolerância, pois a menina deveria acalmar-se sozinha, com somente dezoito meses de idade. Assim, a mãe parecia incrementar a ansiedade da filha, na medida em que demonstrava não estar completamente envolvida com as necessidades de Marcela, uma vez que a menina sentia-se confusa em relação à realidade, necessitando que alguém estivesse sempre junto com ela. Winnicott (1960/1983) refere que a criança consegue tranquilizar-se e adaptar-se por algum tempo sozinha se amparada, na maior parte do tempo, por um adulto devotado à tarefa de cuidar dessa criança. Desta maneira, a criança passa a desenvolver formas para ir vivendo sem um cuidado real, através do acúmulo e internalização de cuidados e afetos. Conforme o relato de Alice sobre a dependência da filha, pode-se imaginar que talvez tenham ocorrido falhas no processo de devoção materna, tendo em vista que Marcela ficava aterrorizada quando não houvesse alguém por perto. Esta ansiedade não seria por temor à perda do objeto, mas sim pela ameaça de aniquilamento, pois talvez ainda não estivesse completamente internalizada a capacidade de Marcela de continuar a ser, apesar da ausência materna. Por isso, de acordo com as idéias de Winnicott (1960/1983), ela não conseguia adaptar-se ao ambiente.

Com relação aos sentimentos maternos frente às características de dependência e independência de seus filhos, pôde-se verificar semelhança entre os casos de Alice, Marina e Joana, no sentido de que essas mães demonstraram algumas falhas no investimento emocional para com seu filhos e uma certa indisponibilidade para lidar com as necessidades infantis. Alice manifestou esta carência através da sua pouca tolerância para conter o choro da filha quando esta sentia-se insegura, assim como no fato de Marcela ainda dormir no quarto dos pais e na cama destes. Isto parecia ocorrer para que eles ficassem mais juntos, mas também para evitar que Marcela chorasse e a mãe tivesse que acalmá-la. A retirada da filha do quarto dos pais também poderia gerar ansiedade e culpa, por deixar uma criança pequena dormindo sozinha. De qualquer maneira, este aspecto revelou que Alice tinha dificuldade de lidar com algumas situações que exigiam um maior envolvimento seu para que Marcela conseguisse ficar tranqüila.

Quanto ao processo de inserção na creche, cuja compreensão constitui o objetivo central do presente trabalho, cabe mais uma vez destacar que ele é um acontecimento

significativo não somente para a criança, mas também envolve a família, especialmente a mãe, com todas as suas crenças conscientes e inconscientes com relação a este processo (Balaban, 1998; Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, 2000). É geralmente a mãe quem vivencia o processo de escolha da escola e a separação ao deixar seu filho na mesma. Portanto, foram examinados alguns aspectos do vínculo mãe-filho considerados importantes para a compreensão da maneira como as mães experienciaram a separação de seus filhos no contexto da inserção na creche.

Neste sentido, em relação ao caso de Simone e Diego, verificou-se que a maneira como o menino se comportou no período de adaptação à escola desencadeou reações de ansiedade e preocupação em Simone. Ele ficava chorando, manifestando não desejar ficar na creche, e sua mãe ficava ansiosa e não conseguia tranquilizar-se, nem ser continente com o choro e sofrimento do filho. Isso ocorreu de modo distinto à adaptação com a babá, com a qual Diego ficava tranquilo, o que foi amenizando a ansiedade de Simone. Assim, a experiência emocional da mãe em relação a deixar seu bebê sob cuidados alternativos parecia decorrer, em grande parte, das reações manifestas pro seu filho, conforme exposto pelas palavras de Simone: *“ele nunca chorou, pedindo para eu não ir trabalhar (...) se ele chorasse seria motivo para eu desconfiar”*. Neste sentido, ao verificar a análise dos dados de Simone, pôde-se perceber que naquelas em Diego reage mal, ela fica ansiosa, assim pareceu ter acontecido quando Diego ingressou na escola.

Para Marina, seu filho era tido como independente e desprendido. No entanto, ao ingressar na creche, demonstrou sofrimento e dificuldades em permanecer longe de sua mãe, em um local estranho e com pessoas desconhecidas. Assim, foi possível pensar no medo da perda do objeto, manifestada através da ansiedade de separação. Esta ansiedade também foi acionada na mãe que, por isso, quase cancelou a matrícula do filho na escola. Conforme Rapoport (1999) as ações dos filhos, ao ingressarem na escola, podem gerar reações na mãe, que vai agir baseada naquilo que pensa ser o melhor para a criança. Em relação às dificuldades da criança em separar-se de sua mãe, para ficar em um lugar que lhe era estranho, Mahler (1975/1993) fala sobre a crise de reaproximação, que ocorre por volta dos 18 a 20 meses. Nessa fase a criança passa a desejar funcionar de forma mais autônoma e independente, entretanto, este desejo pode tornar-se ameaçador para o seu desenvolvimento, na medida em que os desejos infantis ainda não foram completamente diferenciados dos desejos da mãe. Deste modo, a vontade que a criança possui de ter autonomia e independência da mãe e deixá-la, também é percebida pela criança como um medo de que sua mãe tenha vontade de deixá-la. Essa contribuição de Mahler caberia aos casos de Diego e Rafael, pois

ambos tiveram reações semelhantes, que manifestavam o medo de serem abandonados nesse local desconhecido.

Nesse momento bastante significativo que é a inserção da criança na creche, elas também estavam vivenciando, de modo concomitante, a fase de independização e reaproximação. É possível pensar no quanto essas crianças necessitavam da disponibilidade dos adultos que a cercavam. Para Winnicott (1960/1983), a criança nesta faixa etária encontra-se na fase de dependência relativa, na qual começa a tornar-se consciente da necessidade que possui da mãe ou de um adulto disponível, que lhe apresente continuamente o mundo. Tendo em vista que a criança que está ingressando na creche está deixando, em parte, a sua mãe, ela precisa aprender que a mãe vai embora mas depois vai voltar pra pegá-lo, ou seja, aprender que a mãe não se foi para sempre. Assim, aquelas mães que investem e se dedicam à adaptação de seus filhos estão estimulando o desenvolvimento emocional e intelectual, ao unir-se à escola para prover a criança de segurança e confiança (Balaban, 1998). Entretanto, foi possível verificar que Simone teve dificuldade em aliar-se à escola do filho, em função de alguns aspectos que lhe desagradaram com relação ao manejo da escola com os pais. Sobre este aspecto, Balaban (1998) refere que a creche também tem o papel de proporcionar acolhimento aos pais, permitindo que estes possam esclarecer suas dúvidas, aliviando um pouco a angústia.

No que se refere aos sentimentos de Joana quando a filha ingressou na escola, estes pareceram ser de alívio e prazer, o que pode ter contribuído para melhorar a relação mãe-filha. De acordo com Mahler (1975/1993) quando a criança passa pela fase simbiótica de modo insatisfatório, devido à instabilidade e imprevisibilidade materna, as separações da mãe por algumas horas durante o dia podem confortar e melhorar o relacionamento materno-infantil. Este aspecto pode ter acontecido no caso de Joana, pois foi possível perceber uma certa intolerância dela em relação à filha, isto é, ela parecia não suportar ficar cuidando de Roberta durante o dia inteiro. Neste sentido, quando Roberta ingressou na escola de educação infantil, passando a ter outros interesses e adquirir novas habilidades, fontes de prazer e gratificação. Além disso, o fato da menina estar na escola possibilitava fazer com que a mãe se envolvesse com atividade de seu interesse, o que também permitia limpar o campo do relacionamento mãe-filha de sentimentos hostis e angustiantes, causadores de um intenso sofrimento. Mas Joana também mostrou-se preocupada em relação à creche em que Roberta permaneceria, demonstrando a sua adequação em visitar primeiramente algumas instituições antes de matricular a filha. Além disso, mostrou-se preocupada com o bem-estar de Roberta na escola, permanecendo atenta e disponível para a filha. Este aspecto corrobora com o descrito

anteriormente sobre a necessidade que a criança possui de um adulto atento e disponível para o que ela precisar.

Alice pareceu ter conseguido unir-se à escola de sua filha, através de seu sentimento de confiança na mesma. No entanto, mostrou uma certa indisponibilidade para apresentar a realidade à Marcela, parecendo um pouco intolerante com o seu choro. Desta maneira o choro de Marcela não parecia ser por medo de ser abandonada, mas expressar uma angústia de aniquilamento, isto é, que suas reações à separação pudessem aniquilar-lhe. Pode-se questionar, então, se Alice sentia-se realmente segura em relação à escola, ou se a experiência de deixar sua filha neste local estava, para a mãe, ligada a sentimentos tão intensos de culpa e incapacidade que ela sequer tinha condições de lidar com o sofrimento da filha. As lembranças infantis de Alice em relação às separações vinham carregadas de uma idéia de não poder sentir, ter que dar conta, e isso parecia estar dificultando sua possibilidade de apoiar sua filha, que estava sentido e sofrendo.

A

partir dos quatro casos estudados, pôde-se perceber que o momento de adaptação de um filho à creche é muito mais amplo e complexo do que se pode imaginar. É um processo que envolve separação e sentimentos que são bastante significativos, especialmente, para as mães, as quais, em geral, decidem e escolhem a creche para os filhos. Portanto, cada mãe vivenciou a inserção do filho na escola infantil de um modo diferente, o que parecia estar relacionado tanto às suas histórias de vida, como com o tipo de relação estabelecida entre mãe e filho.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente estudo revelaram a importância de conhecer a história do tipo de ligação da mãe com o filho, que vem se estabelecendo desde a concepção do bebê, para poder compreender o processo de inserção da criança na creche e os sentimentos maternos relacionados a este evento. Assim, torna-se possível entender as distintas reações maternas frente a esta separação de seu filho, deixando-o em um local estranho, com pessoas mais ou menos desconhecidas e com outras crianças, com as quais dividirão os cuidados. Além disso, as reações e atitudes infantis ao depararem-se com esta realidade que lhes é apresentada podem despertar intensas reações nas mães. Os sentimentos das mães que participaram desse estudo frente à inserção do seu filho na creche pareciam também estar relacionados às suas experiências vividas na infância, mesmo aquelas não lembradas em plano consciente, ao desejo ou não de ter um filho e às suas vivências com a criança até este momento.

Portanto, cada mãe vivenciou a inserção do filho na escola infantil de um modo diferente. Dentre as reações maternas ao colocarem o filho na creche destacaram-se a preocupação e desconfiança em relação aos cuidados, especialmente nas situações em que a criança ficava chorando. Para as mães, este choro era visto como um sinal de que algo negativo poderia estar acontecendo, o que lhes deixavam preocupadas. Outro sentimento materno importante foi o de ambivalência, em que a mãe, baseada em suas próprias vivências infantis, confiava ao mesmo tempo em que desconfiava da escola. Apesar disso, em alguns casos apareceu um sentimento de confiança materna em relação à creche, mesmo quando o filho chorava para não entrar e permanecer na escola. Percebeu-se que, apesar das dificuldades, as mães do presente estudo também consideravam positivas as experiências dos filhos em relação às creches, as quais possibilitavam o aprendizado, estabeleciam a rotina e a socialização destas crianças.

Enfim, procurar conhecer a raiz dos sentimentos das mães presentes no processo de inserção da criança na escola de educação infantil tem extrema importância para poder oferecer auxílio e apoio a estas mães, as quais necessitam também ser acolhidas. Saber como o filho se encontra dentro da creche, como ele está sentindo-se, se está conseguindo interagir, o que está conseguindo fazer, ou somente o fato da mãe ter quem a escute, pode lhe ser amplamente confortante. Este também é o papel da escola, o de poder oferecer um profissional especializado, da área de psicologia, que esteja atento aos sentimentos dos pais,

para estes possam oferecer segurança aos filhos em sua entrada na escola, que é um ambiente desconhecido, com estímulos intensos e variados.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1992). *Psicanálise de crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Amorim, K. S. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1999). Creches com qualidade para a educação e o desenvolvimento integral da criança pequena. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2, 64-69.
- Amorim, K., Vitória, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2000). Rede de significações: Perspectiva para análise de inserção de bebês na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 109, 115-144.
- Balaban, N. (1988). *O início da vida escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Berlin, L. J. & Cassidy, J. (2003). Mothers' self-reported control of their preschool children's emotional expressiveness: A longitudinal study of associations with infant-mother attachment and children's emotional regulation. *Social Development*, 12 (4), 477-495.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caron, N. (2000). O ambiente intra-uterino e a relação materno-fetal. Em N. Caron (org). *a relação pais-bebê: Da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ministério da Educação. (1988). *Constituição Federativa do Brasil*. Brasília.
- Ministério da Educação. (1998). *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF.
- Ministério da Educação. (1998). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8069.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Campos, M. M.; Fullgraf, J. & Wiggers, V. (2006). A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. *Caderno de Pesquisa*, 36 (127), 87-128.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferrari, A. (2001). *Tornar-se mãe: a constituição da maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (1998). *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (1998a). *Ficha de Contato Inicial*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (1998c). *Entrevista de Dados Demográficos*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (1999d). *Entrevista Sobre a Experiência da Maternidade (da gestação ao 12º mês)*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Hsu, H. C. (2004). Antecedents and consequences of separation anxiety in first-time mothers: infant, mother, and social-contextual characteristics. *Infant Behavior & Development*, 27, 113–133.
- Klaus, M. H.; Kennell, J. H. & Klaus, P. H. (2000). *Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: editora UFMG.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler, M., Pine, F. & Bergman, A. (1993). *O nascimento psicológico da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1975).
- Nachmias, C. & Nachmias, D. (1996). Research designs: Cross-sectional and quasi-experimental designs. Em C. F. Nachmias e D. Nachmias, *Research method in the social sciences* (pp. 125-151). London: Arnold.
- Piccinini, C. A.; Gomes, A. G.; Moreira, L. E. & Lopes, R. S. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação a seu bebê. *Psicologia: teoria e Pesquisa*, 20(3), 223-232.
- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: a história interior*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rapoport, A. (1999). *Adaptação de bebês à creche: O ingresso no primeiro ou segundo semestre de vida*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Rapoport, A. & Piccinini, C. A. (2001a). Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (1), 69-78.
- Rapoport, A. & Piccinini, C. A. (2001b). O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: Alguns aspectos críticos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14(1), 81-95.
- Rapoport, A. (2003). *Da gestação ao primeiro ano de vida do bebê: apoio social e o ingresso na creche*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

- Rapoport, A. & Piccinini, C. A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 497-503.
- Rapoport, A. (2005). *Adaptação de bebês à creche: a importância da atenção de pais e educadores*. Porto Alegre: Mediação.
- Rosemberg, F. (1995). A criação de filhos pequenos: Tendências e ambigüidades contemporâneas. Em Ribeiro, I. e Ribeiro A. C. T. (Orgs). *Família Em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S. & Vitória, T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, IV, 35-40.
- Santana, J. S. S. (1995). O significado da experiência de creche expresso pela criança. *Salvador*, s.n., 169.
- Silva, C. C. da & Bolsanello, M. A. (2002). No cotidiano das creches o cuidar e o caminhar caminham juntos. *Interação (Curitiba)*, 6 (1), 31-36.
- Stern, D.(1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Spitz, R. A. (1979). *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Szejer, M. (2002). Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. Em Filho, L. C.; Correa, M. E. G. & França, P. S. (orgs). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos*. Brasília: Darlan Rosa.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Porto Alegre: Imago. (Original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2002). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXO A

Categorias

1. Experiência da gestação

1.1 Planejamento da gestação

1.1.1 Sim

1.1.2 Não

1.2 Impacto da notícia da gravidez sobre a mãe

1.2.1 Alegria

1.2.2 Medo

1.2.3 Susto

1.3 Desejo de ter um bebê

1.3.1 Desejo de ser mãe

1.3.2 Desejo da família

1.3.3 Desejo de melhorar a vida do casal

1.3.4 Mudar de vida

1.4 Sentimentos despertados na mãe durante a gestação

1.4.1 Tranqüilidade

1.4.2 Medo

1.4.3 Insatisfação com seu corpo

1.4.4 Revolta

1.4.5 Ansiedade

1.4.6 Abandono

1.4.7 Terror

1.4.8 Raiva

1.4.9 Preocupação

1.5 Preocupações da mulher durante a gravidez

1.5.1 Sua forma física

1.5.2 Características da criança

1.5.3 Sua capacidade de maternagem

1.5.4 Relacionamento conjugal

1.5.5 Com o futuro

1.6 Expectativas da mãe durante a gestação com relação à vida após o nascimento do filho

1.6.1 Que a criança trouxesse alegria

1.6.2 Amadurecimento

1.6.3 Não tinha expectativas

1.7 Expectativas com relação ao parto

1.7.1 Medo da dor

1.7.2 Ansiedade

1.7.3 Não pensava no parto

2. Experiência da maternidade

2.1 Percepção materna com relação à experiência do parto

2.1.1 Tranquilo

2.1.2 Ruim

2.2 Reação materna ao ver o filho pela primeira vez

2.2.1 Felicidade

2.2.2 Concretização da fantasia

2.2.3 Decepção

2.2.4 Alívio

2.3 Experiência da mãe com relação aos primeiros dias após o nascimento do bebê

2.3.1 Suscetibilidade emocional

2.3.2 Cansaço

2.3.3 Tristeza

2.3.4 Desânimo

2.3.5 Raiva

2.3.6 Satisfação com a sua capacidade de maternagem

2.3.7 Insatisfação com a sua capacidade de maternagem

2.4 Principais mudanças percebidas pela mãe após o nascimento do bebê

2.4.1 Restrição da liberdade

2.4.2 Necessidade de dedicar-se primariamente às necessidades do bebê

2.4.3 Amadurecimento

2.4.4 Não percebeu mudanças

2.5 Percepção materna de seu papel como mãe

2.5.1 Dedicada

2.5.2 Disponível

2.5.3 Preocupada

2.5.4 Indisponível

2.5.5 Superprotetora

3. Maneira como a mãe experienciou os primeiros movimentos de separação da criança

3.1 Dependência ou independência da criança

3.1.1 Independente

3.1.2 Dependente

3.2 Sentimentos das mães com relação à independência da criança

3.2.1 Sofrimento

3.2.2 Insegurança

3.2.3 Culpa

3.3 Sentimentos das mães com relação à dependência da criança

3.3.1 Intolerância

3.4 Idade das crianças quando as mães começaram as atividades profissionais

3.4.1 5 meses

3.4.2 1 ano e 5 meses

3.4.3 1 ano

3.4.4 3 meses

3.5 Reações maternas ao ter que trabalhar e deixar seus filhos

3.5.1 Angústia

3.5.2 Tranqüilidade

3.5.3 Alívio

3.5.4 Satisfação

3.5.5 Amadurecimento

3.6 Apoio social percebido pela mãe quando ingressou nas atividades profissionais

3.6.1 Babá

3.6.2 Avós maternos

3.6.3 Avós paternos

3.6.4 Tios

3.7 Sentimentos maternos em relação ao apoio social percebido

3.7.1 Tranqüilo

3.7.2 Confiança

3.8 Ambiente em que a criança dorme

3.8.1 Em seu próprio quarto

3.8.2 No quarto dos pais, na sua própria cama

3.8.3 No quarto dos pais, na cama desses

4. Ingresso da criança na creche

4.1 Idéia de colocar a criança na creche

4.1.1 De ambos os pais

4.1.2 Da mãe

4.2 Motivos para colocar a criança na creche

- 4.2.1 Socialização
- 4.2.2 Aprendizado
- 4.2.3 Indisponibilidade materna
- 4.2.4 Espaço físico

4.3 Sentimentos das mães ao colocar seus filhos na creche

- 4.3.1 Felicidade
- 4.3.2 Preocupação
- 4.3.3 Desconfiança
- 4.3.4 Confiança
- 4.3.5 Raiva

4.4 Aspectos que agradaram às mães ao decidirem colocar seus filhos na creche

- 4.4.1 Qualidade dos cuidados
- 4.4.2 Aprendizado
- 4.4.3 Rotina

4.5 Aspectos que desagradaram com relação à criança estar na creche

- 4.5.1 Qualidade dos cuidados
- 4.5.2 Resistência da criança
- 4.5.3 Manejo da escola com os pais

4.6 Adaptação da mãe à creche

- 4.6.1 Tranqüilidade
- 4.6.2 Angústia
- 4.6.3 Insegurança
- 4.6.4 Desconfiança
- 4.6.5 Preocupação

4.7 Sentimentos maternos com relação ao filho estar na creche

- 4.7.1 Tranqüilidade

4.7.2 Desconfiança

4.8 Percepções das mães em relação a como elas pensam que a criança sente-se na creche

4.8.1 Sente-se bem

4.9 Sentimentos maternos ao despedirem-se de seus filhos

4.9.1 Angústia

4.9.2 Tranquilo

5. Infância materna

5.1 Sentimentos das mães nas situações em que estavam longe dos pais

5.1.1 Vergonha

5.1.2 Desamparo

5.1.3 Insegurança

5.1.4 Medo

5.1.5 Confiança

ANEXO B**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

(Adaptado GIDEP – UFRGS – 1998)

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar os sentimentos da mãe frente a entrada da criança na creche.

Estou ciente de que receberei esclarecimentos de qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa. Tenho conhecimento também que terei total liberdade para retirar o meu consentimento, a qualquer momento, deixando de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao vínculo que possuo com a instituição na qual fui contatado.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas, relacionadas com a minha privacidade. Estou ciente de se manterá o sigilo da minha identidade e da minha família.

Concordo em participar do presente estudo; autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica, a utilização das anotações dos dados que informei.

A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é a Psicóloga Gisele Vieira Ferreira, CRP 07/13716, orientada pela Prof. Ms. Milena da Rosa Silva. A pesquisadora poderá ser contatada pelo telefone: (51) 9814-3724.

Data:

Assinatura

Nome da participante

ANEXO C**Ficha de Contato Inicial**

(Adaptada GIDEP – UFRGS – 1998)

Data do contato:

Nome da criança:

Data de nascimento:

Data de entrada na creche:

Motivo de colocar a criança na creche:

Nome da mãe:

Idade:

Estado civil:

Profissão:

O pai da criança vive contigo? Há quanto tempo?

O que ele faz?

Ele já teve outra esposa ou companheira anteriormente?

Ele tem outros filhos?

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Telefones:

ANEXO D

Entrevista sobre a experiência da maternidade no contexto da adaptação do filho na creche

Nome _____ Idade: _____
 Idade da criança: _____ Sexo: F () M () Trabalha? () Sim () Não
 Profissão? _____ Horas/semana: _____
 Mês que entrou na escola: _____

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre a experiência da maternidade.

- A tua gravidez foi planejada?
- Em que momento de vida o casal estava quando ocorreu a gravidez?
- Como tu te sentiste durante a gestação, em termos físicos e emocionais?
- Que pensamentos te ocorriam durante a gravidez?
- Quais eram as tuas expectativas durante a gravidez? (Com relação à tua vida. Com relação à criança).
- Como tu imaginavas que seria o parto?
- Como foi o parto?
- Qual foi a tua reação quando viu o teu filho pela primeira vez? Como tu te sentiste?
- Como foram para ti os primeiros dias após o nascimento?
- Quais foram as principais mudanças que ocorreram na tua vida após a maternidade?
- Como tu te descreverias como mãe?
- Como foi para ti quando teu(ua) filho(a) começou a engatinhar e caminhar? Como tu reagiu?
- Tu vês teu(ua) filho(a) agora como mais dependente ou independente? Por que tu vês assim?

2. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre o dia-dia com a criança.

- Que idade estava teu(ua) filho(a) quando tu voltou às atividades profissionais?
- Como foi para ti o retorno ao trabalho?
- Quem ficou cuidando do(a) teu(ua) filho(a)? Como foi isso pra ti?
- Quanto tempo tu fica junto com teu(ua) filho(a)? Por quê? Como tu te sentes? Como tu te sentes quando não o faz?
- Ao longo da vida da criança, tu vivenciaste situações estressantes com ela? Quais? Como foram resolvidas? Como tu te sentiste?
- Como tu te sente quando a criança está chorando? O que tu faz? Por quê?
- Onde a criança passa a maior parte do dia?

- O teu(ua) filho(a) já possui o seu próprio quarto? (Se já possui) Ele(a) dorme no quarto dele(a)? Como é isso para ti?
- O que ele(a) é capaz de fazer agora que te chama atenção?

3. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre os cuidados com a criança.

- Quem cuida da criança quando ela não está na creche?
- (Se existe outras pessoas que auxiliam a mãe nos cuidados) Quantas horas esta pessoa fica com a criança? Por quê?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do teu filho? O que te agrada? O que te incomoda?
- O que tu faz nos momentos que a criança está sob os cuidados de outra pessoa? Como tu te sentes?

4. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre a adaptação à creche.

- Quem teve a idéia de colocar a criança na creche? (Se teve outra pessoa) qual foi a tua reação? Por quê?
- Por que a decisão de colocar o teu filho na creche?
- Como tu te sentiu com esta decisão? O que te agradou e o que te incomodou?
- Quem escolheu esta creche? Por quê? (Se não for a mãe) como tu te sentiu com a escolha?
- É tu quem deixa a criança na creche? (Se for a mãe) como tu te sentias no início ao ter que deixar teu filho na creche? E agora como tu te sentes?
- Como foi a tua adaptação à creche?
- E agora, o que tu sentes em relação ao teu(ua) filho(a) estar na escola?
- Como tu te sentes na hora de te despedir de teu(ua) filho(a), quando ele vai para a creche ou quando tu vais trabalhar?
- Como tu achas que teu(ua) filho(a) se sente na creche? Era assim no início?
- Como tu te sentes quando não estás com teu(ua) filho(a)?
- Como foi para ti, na tua infância, quando tu entraste na escola?
- Tu te lembras de alguma situação em que estavas longe de teus pais? Como tu te sentias?